



Crônicas do ISB: criações, descobertas e revelações



Renato de Sena Mendes (Org)
Maria Aparecida Silva Furtado (Org)

Renato de Sena Mendes (Org)
Maria Aparecida Silva Furtado (Org)

Crônicas do ISB: criações, descobertas e revelações

1ª edição

Coari - 2024

Título Original
Crônicas do ISB: criações, descobertas e revelações

Primeira publicação em:
Coari, Amazonas, Brasil
2024

1ª Edição

Todos os direitos da obra
Crônicas do ISB: criações, descobertas e revelações

Copyright © 2024

Diagramação: Archipo Góes
Ilustrações: Fotos do acervo dos autores e fotos de domínio público

C947 Crônicas do ISB: criações, descobertas e revelações / Renato de Sena Mendes, Maria Aparecida Silva Furtado (org.). 1. ed. – Coari, AM : [s.n.], 2024.

88 p. : il ; 21 cm.
ISBN: 978-65-01-09138-9

1. Universidade Federal do Amazonas. Instituto de Saúde e Biotecnologia – Crônicas 2. Crônicas brasileiras - Amazonas 3. Universidades e faculdades – Crônicas I. Mendes, Renato de Sena (org.) II. Furtado, Maria Aparecida Silva (org.) III. Título

CDU (1976): 869.0(811.3)-94

Ficha Catalográfica (Catalogação realizada pelo bibliotecário Renato de Sena Mendes – CRB11-580)

Sumário

Prefácio	7
O Pôr-do-sol de Coari	9
Cantos e Encantos de Coari	11
O Inevitável.....	13
O Poste e sua Luz Guardiã.....	15
Caminho da Escola	17
Coari: um retrato cultural em tons de verde e branco.....	18
Pandemia	20
Do Carecão ao Cemitério.....	22
Impactos da Pandemia	24
Os altos e baixos de Coari: uma crônica sobre aventuras inesperadas na pacata cidade de Coari.....	26
Um Lugar Desconhecido	28
O Grito Silencioso	30
Assalto.....	31
O Prefeito e suas ideias mirabolantes	33
COVID-19 e Seus Impactos	34
Vidas Perdidas	36
Sacolão	38
Um Assalto de Humildade	40
O Primeiro Dia.....	41
Tudo Mudou, Menos a Esperança.....	42
A Universidade	44
Corre, corre.....	45
O Apagador	47
“Por Trás de um Sonho”	48
Dilemas de um gato mal-humorado	50
Que tal uma dose de conhecimento?.....	51
O Esperto Trouxa.....	53
A Espera.....	54
Lockdown.....	55
Coari: uma joia amazônica	56

O Silêncio no Corredor	57
Novo mundo	59
Estado de Pandemia Emocional.....	60
Nas margens da esperança	62
Solidão Escolhida	63
Eaí, Universitário?.....	65
Sentimentos profundos	67
Por que esta distância?	69
Outro Dia	70
A Surpresa.....	71
A batalha pelo ar.....	72
Bem-vinda a sua nova vida.....	73
Diferença.....	75
Memórias de uma cultura coariense.....	76
Calouros Ansiosos	78
As cicatrizes deixadas	80
A Bela Atalaia onde nasci e a bela Coari onde vivo	82
Memórias e histórias locais	84
Calor.....	85
Viver em Coari	87
O Muito de Minha Avó	89

Prefácio

Por que ler as crônicas deste livro oriundas de autores do Instituto de Saúde e Biotecnologia (ISB) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM)? Porque ao falar do lugar discursivo desta proposta, os autores quebram o paradigma da cientificidade e expõem suas criações, descobertas e revelações. Eles mostram os humanos que são. Assim, do lugar de origem acadêmica, também pode nascer um outro olhar: há um tempo para sonhar, refletir e se expressar: nasce um olhar literário. A obra, em questão, se caracteriza como uma literatura genuína de quem chega de mansinho como não querendo dizer nada significante, mas que, no ato da expressão, mostra tudo a que veio ao tomar a palavra no dito. O complemento dos significados fica por sua conta, caro leitor.

Aqui, você irá encontrar narrativas vinculadas a três grandes eixos temáticos: os impactos psicossociais da pandemia ocorrida em Coari/AM e no mundo, mais enfaticamente no ano de 2020, a seca histórica do ano de 2023, ocorrida na região Norte do Brasil, em especial na cidade de Coari/AM e as memórias de vivências dos autores, em reminiscências próprias, ou em inter-relações com outras personagens no convívio do cotidiano do ISB/UFAM ou da própria Coari. As narrativas revelam não somente histórias reais ou imaginárias, mas também costumes, valores e culturas regionais. Os textos estão organizados aleatoriamente e o leitor tem oportunidade de, a cada novo texto, deparar-se com fusão perfeita entre as três temáticas e, assim, construir as suas próprias relações de sentidos.

As narrativas dão destaques a dois espaços específicos – ISB/UFAM e Coari/AM – mas as abordagens temáticas levam o leitor a reflexões para o mundo, já que, ao tratar do cotidiano regional, tratam também da humanidade.

Boa leitura deleite e ótimas provocações de sentidos diversos!

Maria Aparecida Silva Furtado
Renato de Sena Mendes



O Pôr-do-sol de Coari

Alicia Valeria Alfaia Pessoa

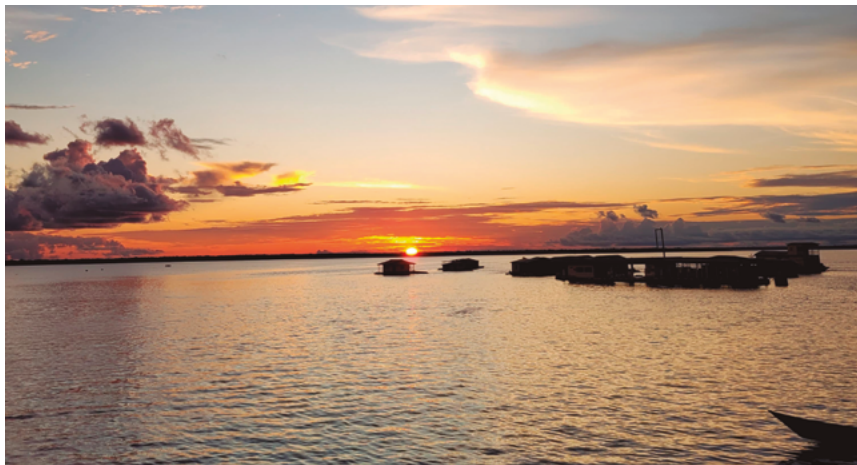


Foto de arquivo próprio da Alicia Valeria Alfaia Pessoa. 17 de jun. de 2023

Vivi minha infância, e ainda pré-adolescência, em uma cidade pacata, onde se podia andar a pé para a escola, para igreja, que costumava ir com a minha mãe aos domingos. Depois da igreja, dava uma voltinha na praça que ficava em frente à igreja, mas é isso, era tudo tão pequeno e calmo. Eu pensava que um dia poderia viver em um lugar maior, com as mesmas características daquele lugar tão calmo, que era Marã, interior do Amazonas.

Hoje, o impacto nesses últimos três anos vivendo aqui, em Coari - Amazonas, traz o oposto, pois não sabemos mesmo se é bom o desenvolvimento, pois com ele vem junto o trânsito caótico, acidentes entre as motocicletas, a violência, que geralmente costumam acontecer nos finais de semanas...

Assim é a vida por aqui, mas há lugares ainda que no meio disso tudo, ainda me trazem paz. A praça de São Sebastião, onde fica a igreja de Santana, e o porto da cidade, lá eu consigo ver o sol se pondo.

O pôr do sol de Coari é algo tão clássico, quantos olhares não tiveram? Quanta importância no olhar para o sol? Não é à toa que ele está na imagem da bandeira da cidade, como símbolo cívico e cultural, junto com a antiga mangueira que no início do

século ficava perto da feira do produtor rural. E, através das épocas, as pessoas podiam apreciar embaixo dessa mangueira, o lago de Coari e o lindo astro se pondo por trás da floresta Amazônica.

Quando criança, meus pais tinham uma casa de show que se chamava “Pôr do sol”. O sol está como símbolo para mim numa trajetória de coincidência. Hoje, existe em Coari a praça do pôr do sol, onde a população da cidade, visitantes e turistas podem assistir os finais de tardes ensolarados, inclusive eu, sempre que tenho a oportunidade, estou lá para observar o momento, isso faz-me acreditar que ali no momento desse astro sair de cena, não importa os transtornos, a agonia do trânsito, e a violência, tão comum em Coari; ele se põe, mas com a certeza de que não importa o lugar, é a mesma sensação de tranquilidade em vê-lo se pôr.



Cantos e Encantos de Coari

Alessandro Moraes



Foto do acervo de Archipo Góes

Em meio à vastidão verde do Amazonas, onde o rio se encontra com a Floresta Amazônica, em um abraço ancestral, está Coari. Esta cidade, embalada pelas águas do grande Rio Solimões, é um mosaico vibrante de culturas e histórias que se entrelaçam como as raízes das árvores gigantes que a cercam.

Ao caminhar pelas ruas de Coari, é impossível não se deixar envolver pelo pulsar da vida local. O mercado municipal é o coração da cidade, um lugar onde se encontram os sabores e aromas da Amazônia. As bancas são repletas de peixes frescos, frutas exóticas. O tucumã, o açaí e a pupunha dividem espaço com a farinha de mandioca e os peixes ornamentais, criando uma sintonia de cores e cheiros que encantam os sentidos.

A cultura de Coari é um rico tecido formado por diversas influências. A presença indígena é forte e palpável, especialmente nas comunidades ribeirinhas que ainda preservam suas tradições ancestrais.

O artesanato, a culinária e as festas locais são impregnadas de um saber que atravessa gerações, resistindo ao tempo e às mudanças.

As festas religiosas também são momentos de intensa vivência cultural. O Festejo de Sant’Ana e São Sebastião,

padroeiros da cidade, é celebrado com novenário e procissões. Durante a festa, Coari se transforma em um palco onde a fé e a devoção se expressam em cores, música e dança, criando um espetáculo que une a comunidade em torno de suas crenças e tradições. Mas não são apenas as festas e os mercados que revelam a alma de Coari. As lendas e histórias contadas pelos mais velhos, muitas vezes nas varandas das casas, são tesouros culturais que mantêm viva a memória coletiva. Histórias de seres encantados da floresta, de aventuras ribeirinhas e de antepassados valentes compõem um imaginário rico e fascinante.

A modernidade também marca presença em Coari, especialmente com a exploração de petróleo e gás natural na região. Este desenvolvimento traz consigo desafios e oportunidades, transformando a paisagem econômica e social da cidade. No entanto, mesmo diante dessas mudanças, a essência cultural de Coari se mantém firme, como as raízes profundas das árvores amazônicas.

Coari é, acima de tudo, um lugar onde o tempo parece ter um ritmo diferente, marcado pelas águas do Solimões e pelos ciclos da natureza. É uma cidade onde a cultura não é apenas uma expressão artística, mas uma forma de vida, um modo de ser que se revela nos pequenos gestos do cotidiano, nas celebrações comunitárias e na relação íntima com a floresta e o rio.

Assim, Coari se apresenta ao visitante como um livro aberto, cheio de histórias a serem descobertas e vividas. Uma cidade onde cada canto guarda um segredo, cada pessoa carrega uma memória e cada dia é uma celebração da rica tapeçaria cultural que forma a alma do Amazonas.



O Inevitável

Daniele Souza da Silva



Foto do acervo de Archipo Góes

Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma pandemia. Isso ocasionou um pânico na cidade de Coari, Amazonas, pela falta de informação sobre a doença e o hospital não ter uma estrutura adequada para esse colapso. A situação tornou a vida dos coariense uma frustração.

O caso que aconteceu com a família Monteiro é um exemplo do que ocorreu com várias pessoas. Ela era uma família divertida e festeira e, de repente, começou uma profunda lástima: um por um foi sendo infectado pela doença ordinária que além de nos deixar sem ar, torturava nossa mente sem nenhum pudor.

A doença estava se agravando, mas a família Monteiro continuava firme e forte como uma família unida que cuidava um do outro. O anfitrião Magno Monteiro como estava vigoroso à doença, preocupou-se em ajudar mais a sua família e isso ocasionou a descoberta do contágio mais tarde. Quando tudo estava parecendo que iria melhorar, o inevitável aconteceu.

Magno, o pai de família, mestre da educação e amigo, começou a sentir os sintomas mais fortes, mas guardou

para si os sintomas e o sentimento de angústia e escuridão uma vez que sua esposa e seus dois filhos já estavam se recuperando.

Depois de algumas semanas, o caso dele se agravou. Sua esposa o levou para o hospital.

Lá, ele foi atendido. Alguns dias se passaram e foi constatado que a COVID-19 tinha agravado outros órgãos do seu corpo e como o Hospital Regional de Coari estava sem oxigênio, ele imediatamente foi encaminhado para Manaus. Quando estava prestes a embarcar no voo, surgiu complicações no seu estado de saúde.

E o Inevitável aconteceu. A família Monteiro perdeu o seu principal membro: o pai de família não resistiu e veio a óbito no local. Sua família ficou em estado de choque e todos ficaram sem acreditar que aquele fato era verdade, que naquele exato momento estavam a se submeter a tanta dor e sofrimento.

Entraram em depressão pela perda inesperada de um pai, de um educador e de um representante da alegria e da vida na família Monteiro.

Se antes a família se alegrava aonde chegava, depois do ocorrido tudo se tornou algo sem sentido.

Tudo se tornou uma escuridão sem fim, como se a vida não fizesse mais sentido para essa família.

Qual é o sentido da vida quando perdemos alguém que amamos e não podemos evitar?



O Poste e sua Luz Guardiã

Emillianny Gomes Cunha



Elaborado pela autora - 2024

Lá estava ele, majestoso e imponente, como um guardião silencioso da cidade. O poste, com seus fios entrelaçados e sua estrutura de concreto, sempre cumpriu sua missão de iluminar as ruas e orientar os passantes. No entanto, naquela noite, algo extraordinário aconteceu.

Enquanto a brisa noturna sussurrava entre os prédios e as estrelas brilhavam no céu escuro, um clarão repentino rompeu a tranquilidade. Uma faísca solitária deu início a um espetáculo inesperado: o poste estava pegando fogo. As chamas dançavam conforme o vento.

Os moradores, curiosos e alarmados, observavam atentos a cena incomum que se desenrolava diante de seus olhos incrédulos. Enquanto alguns chamavam os bombeiros, outros registravam o acontecimento com seus celulares, compartilhando a cena surreal nas redes sociais. O brilho alaranjado das chamas contrastava com a escuridão da noite, criando um espetáculo perturbador e hipnótico ao mesmo tempo.

Enquanto o fogo consumia a estrutura do poste, os bombeiros chegaram ao local em meio ao alvoroço. Com coragem

e determinação, enfrentaram as chamas, lutando para conter o incêndio e evitar que se espalhasse. Um jato de pó branco era lançado em meio às chamas, criando uma cortina de vapor que contrastava com o brilho da cidade.

Aos poucos, as chamas cederam diante da determinação. O incêndio foi controlado e a calma retornou às ruas. Enquanto o cheiro de fumaça pairava no ar, o poste permanecia ali, agora marcado pelo fogo que o havia consumido.

O incidente do poste em chamas deixou uma marca na memória daquela noite. Ainda que danificado pelo fogo, continuava a cumprir sua missão de iluminar as ruas da cidade. Aquele episódio serviu como um lembrete inesperado da imprevisibilidade da vida urbana e da coragem dos que enfrentam o perigo para proteger a comunidade.

O poste, agora, permanecia silencioso e danificado, mas testemunha de uma noite em que as chamas desafiaram a ordem habitual da cidade de Coari/AM.



Caminho da Escola

Fabiane Azevedo Batista



Foto do acervo de Archipo Góes

Nasci em uma comunidade ribeirinha, do município de Coari/AM, onde o trajeto para ir à escola era uma aventura. Em fila, uma turma de curumins andava por uma vereda até chegar na canoa, que seguia até a escola. O mês era outubro, o mês mais sofrido, mas também o mais farto da região, época da vazante dos rios. Os dias eram comuns, seguindo uma rotina matinal, acordava cedinho e tomava banho na cacimba.

No caminho da escola, apanhava umas frutas, como manga, cacau, mamão entre outras. O cheiro do ar puro era tão gostoso. E animada, seguia a turma. O igarapé, pelo qual passava de canoa, parecia mais um corregozinho que dava para atravessar com um passo.

Ficava ansiosa para ver a professora, vestida com seu lindo vestido florido. Ela falava tão bem! Lia livros esplêndidos! Ficava imaginando: “se um dia eu fizer faculdade, quero ser uma professora”.

Os anos passaram, mas sempre carregava comigo a lembrança da minha terra, do igarapé, da canoa e dos curumins.

Hoje, longe dos barulhos da cidade grande, longe das longas noites de leituras em livros complicadíssimos, preencho meus diários à luz trêmula e amarela da lamparina, que fumeja com todas as forças para que pela manhã esteja tudo pronto para eu entrar na minha mais bela e sonhada “aventura”: lecionar na escola que anos atrás eu ia como aluna.

Coari: um retrato cultural em tons de verde e branco

Giulison Silva de Lima



Foto do acervo de Archipo Góes

Coari, um município do Amazonas banhado pelas águas do Rio Solimões, se ergue como um mosaico vibrante de culturas e tradições. As ruas da cidade sussurram histórias de um passado glorioso, enquanto o verde exuberante da Floresta Amazônica se estende como um manto protetor. Aqui, o tempo parece desacelerar, permitindo que a beleza da natureza e a riqueza cultural se revelem em cada esquina.

No coração da cidade, a Praça da Matriz pulsa com vida. Sob a sombra da imponente Catedral Nossa Senhora do Rosário, crianças brincam com inocência, enquanto os mais velhos se reúnem para conversar e compartilhar histórias. O aroma irresistível de comidas típicas invade o ar, convidando a uma degustação dos sabores autênticos da região.

Coari é um lugar onde a religiosidade se manifesta em cada canto. As procissões pelas ruas, com suas imagens sacras adornadas com flores e fitas coloridas, são um espetáculo de fé e devoção. A música sacra ecoa pelas igrejas, elevando os corações dos fiéis em momentos de profunda espiritualidade.

Coari também é sinônimo de festa e alegria. O Festival Folclórico de Coari, realizado anualmente no mês de julho é um dos mais tradicionais do Amazonas. Durante o evento, a cidade se transforma em um palco para apresentações de grupos folclóricos, bandas de música e artistas locais. As ruas se enchem de cores, sons e movimento, em uma celebração contagiante da cultura local.

No dia a dia, Coari pulsa ao ritmo do trabalho árduo de seus habitantes. Os pescadores bravos enfrentam as águas do rio em busca do sustento, enquanto os agricultores labutam na terra para garantir o alimento da comunidade. O artesanato local expressa a criatividade e a engenhosidade do povo coariense.

Coari é um lugar de contrastes. A modernidade se entrelaça com a tradição, a natureza exuberante se junta à pujança da vida urbana. É um lugar que convida à reflexão, que nos faz questionar o ritmo acelerado da vida moderna e nos convida a apreciar a beleza das coisas simples.

Ao comparar Coari com outros lugares, percebo que a cidade possui uma identidade única e vibrante. Sua rica cultura, sua religiosidade fervorosa e sua gente hospitaleira adornam um lugar especial. Aqui, aprendi a valorizar as tradições, a apreciar a beleza da natureza e a viver com mais simplicidade. Coari me ensinou que a felicidade não está nas coisas materiais, mas sim na riqueza da cultura, na força da fé e na simplicidade da vida.

Em um mundo cada vez mais globalizado, Coari se ergue como um farol de identidade cultural. Sua história, suas tradições e seu povo representam a alma do Amazonas, um estado rico em diversidade e beleza. É um lugar que vale a pena conhecer e apreciar, um lugar que nos convida a repensar o nosso modo de vida e a valorizar as nossas raízes.



Pandemia

Iranildo Nogueira Alfaia



Elaboração a partir da IA DALL·E 2

Era um dia de domingo, eu e meu irmão deitados na cama. Um com o olho na TV jogando videogame. O outro mexendo no celular.

— Ei, bora para o Guarabira?

— Guarabira?

— Sim, Guarabira.

— Mas está funcionando lá?

— Eu acho que sim.

— E a aglomeração?

— Sim, e tu não trabalha no posto de Saúde todo santo dia? Quer aglomeração pior que essa?

Nós dois rimos.

— Deixa eu te falar! Ontem tinha um Senhor sentado no meu lado, e quando ele foi espirrar, ele tirou a máscara, acredita?

— Pela fé! Mas e aí, bora logo para o Guarabira?

— Será?

— Será o que? Um Sol desse, está top lá pra tomar banho.

— Mas e o coronavírus?

— Quer dizer que para ir trabalhar, passar o dia todo lá no meio do povo, bater papo e tudo, não tem problema é? Só para ir ao Guarabira que tem é.

— É diferente né! Lá eu estou sempre de máscara.

— Se máscara fosse o suficiente, a gente não estava numa pandemia.

— Mas é melhor se prevenir e evitar de estar saindo assim.

— Não vai ser só a gente que vai estar lá não. Pessoal estão todos saindo por aí pela cidade.

— Está todo mundo saindo mesmo.

— Pois é, bora logo? Levanta-se logo dessa cama, antes que fique tarde.

— Bora então.

— Vou procurar a caixa térmica pra colocar umas cervejas pra levar...

E saiu mais do que rápido, com um sorriso de orelha a orelha.



Do Carecão ao Cemitério

Júlio César Lopes Mendes



Foto do acervo de Archipo Góes

Nos meados dos anos oitenta, em nosso município de Coari/AM, havia um campo de futebol conhecido como Carecão. Ele era localizado no bairro do Espírito Santo.

Naquele tempo, Coari era conhecida como a terra da banana, e ela se tornou um município exportador de banana para a capital do Amazonas, Manaus. Existia os concursos de Miss e as fantasias eram elaboradas com materiais recicláveis. Este evento movimentava a cidade, dentre outros atrativos da nossa cultura e comércio.

À época, o Carecão era um dos melhores lugares para se praticar esportes do nosso município. Era um local onde se reuniam as famílias coarienses, onde a alegria e a diversão eram o melhor atrativo da cidade.

Havia competições intensas de jogos de futebol e todos saiam satisfeitos. O espírito esportivo reinava e a paz também, sendo o local a principal sede de atividades esportiva e cultural.

O Carecão teve uma reinauguração e ele, cujo antigo e verdadeiro nome era Alexandre Montoril, passou a se chamar

José Rosquildes, em homenagem a um filho do ex-prefeito Roberval Rodrigues, que era atleta de futebol e faleceu aos 19 anos, vítima de afogamento, voltando de uma excursão desportiva de outra cidade.

Era de costume os atletas irem prestigiar, jogar ou mesmo verem seu time ganhar e a torcida se reunia para vibrar pelo seu time do coração.

Isso, porém teve um dia que terminou. A alegria deu lugar à tristeza. O estádio deu lugar a um cemitério.

Se antes as pessoas entravam naquele local sorrindo, hoje entram chorando de tristeza pela perda de seus entes que ali os deixam para jamais os ver.

Não haveria outro lugar mais propício à construção de um cemitério local? Por que deram fim ao Carecão? Será normal valorizarmos mais a dor do que a alegria?



Impactos da Pandemia

Kaila Sena da Silva



Elaboração a partir da IA DALL·E 2

O mundo todo vivia em agitação andando de um lado para o outro correndo contra o tempo e distante do real sentido da vida. Antes da pandemia da COVID-19, as pessoas iam trabalhar e os alunos iam para a escola e todos viviam suas vidas normalmente

Foi em 2020 que atravessamos uma crise que jamais poderíamos imaginar, uma crise profunda de vidas que foram ceifadas e de perdas e prejuízos. Com o medo tomando conta da vida de todos, a pandemia gerou consequências de síndrome do Pânico e até depressão.

Trabalhadores foram afastados dos seus cargos e alguns até demitidos, escolas foram afetadas, pois a dificuldade de acessar o conteúdo das aulas e a necessidade de contornar a crise financeira levou muitos alunos a desistirem das aulas em 2020.

Os hospitais ficaram lotados e os números de mortes aumentaram. A falta de recursos nos hospitais contribuiu para esse aumento, pois faltaram leitos para as pessoas, oxigênio e medicamentos

As pessoas dentro de si mesmas, em suas residências passaram a viver dramas pessoais que talvez já existissem, mas que foram motivados pela pandemia. A violência doméstica é uma triste realidade já existente sobretudo contra as mulheres e aumentou muito durante o período da pandemia

A ameaça de contrair o coronavírus rondava a vida de todos nós e ele estava à espreita toda vez em que éramos forçados a sair de nossas casas para cumprir atividades cotidianas e rotineiras, como fazer compras, por exemplo.

Todo esse tempo e impactos da pandemia levaram as pessoas a refletirem mais sobre a vida e darem mais valor às pessoas e as suas rotinas de antes, pois eram obrigadas a ficarem em casa. Alguns se tornaram pessoas melhores e outras ficaram piores no seu caráter. Acaso restava, por fim, a esperança de que tudo ia voltar a ser como antes.

Quatro anos depois, voltou? - É a pergunta que fica para Coari/AM e para o mundo..



Os altos e baixos de Coari: uma crônica sobre aventuras inesperadas na pacata cidade de Coari

Laudelino Soares Praia Neto



Elaborado pelo Autor no aplicativo Canva. (2024)

Em meio à calmaria da Amazônia, Coari, cidade do interior do Amazonas, desperta para mais um dia, com seus habitantes envolvidos em seus cotidianos diários. No entanto, o destino reservou uma pitada de anarquia para agitar a calmaria habitual da cidade.

Numa manhã ensolarada, enquanto o sol despontava sobre as copas das árvores, um jovem afoito decidiu desafiar as leis da física e da prudência ao subir em sua moto e sair em alta velocidade pelas ruas estreitas da cidade. Entusiasmado com a surpresa que a liberdade do vento lhe proporcionava, ele mal percebeu o buraco na pista, uma cilada sutil preparada pelo tempo.

O que se seguiu foi um espetáculo digno de um filme de comédia, mas com um toque de realidade de Coari. A moto, como se possuísse vida própria, decidiu realizar uma manobra ousada e accidental, lançando seu piloto aos ares como um pássaro

desgarrado de sua gaiola. O jovem voou por alguns metros, executando uma série de piruetas dignas de um acrobata de circo, antes de finalmente aterrissar com um baque surdo no chão macio da floresta.

Apesar do espanto e dos arranhões, o jovem levantou-se ileso, mas com seu orgulho um bocado machucado. Enquanto os moradores corriam para ajudá-lo, não puderam conter as gargalhadas sutis diante da cena bizarra que acabavam de testemunhar. O acidente serviu como um lembrete cômico de que, mesmo em meio à imponência da natureza, a lei da gravidade não faz concessões para os imprudentes.

Assim, a vida continuou em Coari, entre risadas e lições aprendidas, uma cidade onde até mesmo os momentos mais imprevistos podem se transformar em histórias para serem contadas ao redor das fogueiras dessa pequena cidade.



Um Lugar Desconhecido

Marcos Celio de Souza Bessa



Elaboração a partir da IA DALL·E 2

Esse é um relato da minha vida, após ser infectado pelo COVID-19, em uma UTI por 68 dias entubado “traqueostomizado”.

Eu me vi pela primeira vez em um lugar que normalmente não me colocaria: imóvel, impotente e sem me mexer e ter a claridade nos meus olhos.

Perguntava-me: onde eu estou? Que lugar esse? E, ao mesmo tempo, chamava pela minha esposa Rosa, mas ela não me escutava. Tentei chamar várias vezes e ela não me respondia.

E, quando percebi, estava deitado em um leito de um hospital e já não respirava com os meus próprios pulmões. Mantive-me vivo somente por meio de um aparelho respiratório (máquina). Para alguém que se sentia autossuficiente, brincalhão e ao mesmo tempo irônico, a minha posição daquela situação era totalmente diferente.

De repente, ao olhar ao fundo, verifiquei que minha esposa conversava com pessoas que eu comumente não conhecia. Percebi a entrada de uma pessoa toda de branco na sala e pude escutar as palavras lá ao fundo “SEQUELAS COVID-19”.

Ao observar minha esposa, vi que ela estava com um olhar cansado, como de alguém que não dormia há dias.

Enquanto permanecia naquele local, sem me movimentar e entender o que realmente estava acontecendo, pude observar detalhes em minha esposa que outras horas pela correria do dia a dia eu já não dava devida atenção.

Eu comecei a escutar sua voz, em orações, todas eram voltadas sobre mim:

— Sei que você sairá dessa situação. Você não depende dessa máquina para respirar, seu respirar vem do Senhor.

Ela dizia e clamava em alta voz com uma Fé inabalável.



O Grito Silencioso

Mylene Batalha Azevedo

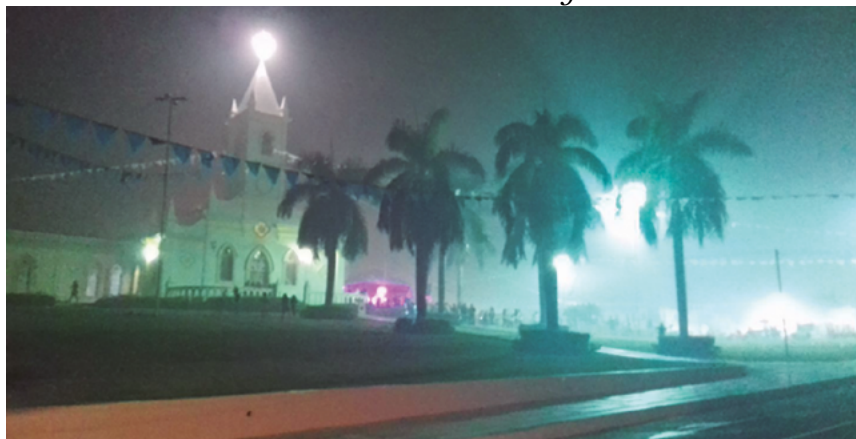


Foto do acervo de Archipo Góes

Era uma manhã quente e abafada. Coari, Amazonas, estava coberta de fumaça. Os habitantes estavam sufocados pelo excesso de fumaça e o uso de máscara voltou a circular pela cidade. E na vastidão da floresta, observávamos as chamas e a fumaça que pairava sobre o verde.

O grito da Floresta Amazônica era silencioso e ecoava no ar, pedindo socorro.

O fogo consumia a floresta e a biodiversidade. As árvores suplicavam por misericórdia. Os animais imploravam por ajuda. E o ser humano continuava a queimar.

O fogo consome a vida e o homem assiste de longe como se não fosse sua responsabilidade.

As queimadas são pragas que destroem a floresta, deixando grandes estragos.

Nós, seres humanos, somos como fogo que não conhece fronteiras e devora tudo à sua volta, sem pensar nas consequências.

Mas o que acontece quando o pulmão do mundo está em chamas?

Assalto

Nadyson Climaco Nogueira da Silva



Foto do acervo de Archipo Gôes

Era uma noite graciosa na praça da Catedral, em Coari, Amazonas, e até poderia ser confundida com um formigueiro. Lá havia várias bandeirolas e, em volta da praça, barraquinhas lindas, sendo desmontadas e deixando aquela bela paisagem menos atraente. Antes, as barracas deixam no ar uma sensação de festa!

Um festival anual ocorria naquela noite, sendo bem festejado por todos que ali estavam. Perto das últimas barracas, caminhavam dois jovens em direção à escada, bem-vestidos, ambos de tênis branco, calça jeans e blusa social quadriculada.

Os dois rapazes totalmente distraídos, com os olhos vidrados em seus celulares que brilhavam mais do que a fogueira acesa. Bem ao lado da escada havia um homem com roupa escura e usava boné. Quem de longe olhava, não gostava nem de encará-lo. Ele virava a cabeça de um lado para o outro como se estivesse preocupado com algo.

Quando perceberam que estavam indo de encontro àquele homem assustador, logo suas reações foram de guardar o celular no mesmo instante, tendo que continuar caminhando sem esboçar medo ou preocupação, para que o homem assustador não

os percebesse ali. E quando chegaram mais perto da escada, o homem, com um olhar penetrante e um projeto de barba, começou a se aproximar dos garotos:

Com expressões de terror, pernas bambas e a barriga cheia de borboletas, os garotos tentaram sair daquela situação. Percebendo que não tinham mais escolha, preferiram se render à situação. Puxaram os celulares novamente com a intenção de entregá-los sem reagir, enquanto isso, o homem, com a expressão menos séria, para em frente dos garotos como uma muralha, olhando fixamente para eles, e, com um sorriso no rosto, aquele homem assustador apenas lhes pergunta:

— Que horas são?



O Prefeito e suas ideias mirabolantes

Thayami Correa Alfaia

Em uma cidade pacata como Coari, no Amazonas, onde até as árvores parecem cochilar ao sol da tarde, um acontecimento inusitado é capaz de causar um rebuliço daqueles. E foi exatamente isso que aconteceu quando o prefeito decidiu fazer uma intervenção no trânsito da cidade.

Imagine só: carros estacionados em fila dupla, motos fazendo malabarismos entre os veículos, pedestres se equilibrando entre buzinas ensurdecedoras e uma profusão de gestos incompreensíveis dos motoristas. Era um verdadeiro caos organizado, daqueles que só Coari conseguia proporcionar.

O prefeito, munido de um plano que ele jurava ser genial, resolveu implantar rotatórias em diversos cruzamentos. A ideia, segundo ele, era acabar com os engarrafamentos e promover a fluidez do trânsito, mas a população não sabia se ria ou se chorava diante daquela proposta mirabolante.

Assim que as obras começaram, a cidade virou um verdadeiro canteiro de obras, com cones laranjas e placas de “Desvio” por todos os lados. O que era para ser uma solução, acabou se transformando em mais um capítulo hilário na história de Coari.

As rotatórias, em vez de organizar o trânsito, viraram palco de uma verdadeira dança automobilística. Carros entrando e saindo sem parar, como se estivessem participando de um baile desajeitado. E os pedestres? Bem, esses se sentiam como personagens de um jogo de videogame, tentando atravessar a rua sem serem atropelados pelos carros que pareciam estar competindo na Fórmula 1.

E assim, entre buzinas, xingamentos e risadas, Coari viu seu trânsito se transformar em uma verdadeira comédia. E o prefeito? Bem, ele jurava de pés juntos que sua ideia genial ainda estava em fase de ajustes. Enquanto isso, os moradores de Coari aprendiam a conviver com as rotatórias, sempre prontos para enfrentar mais um dia de aventuras no trânsito mais divertido do Brasil.

COVID-19 e Seus Impactos

Yeda Araújo da Costa



Elaboração a partir da IA DALL·E 2

A pandemia da COVID-19 pegou todos de surpresa, mudando a rotina e a forma de como todos, mundialmente e principalmente em Coari, Amazonas, relacionarmos uns com os outros. Muitos tiveram que lidar com o medo da doença, a solidão do isolamento e a ansiedade causada pela incerteza de um futuro.

A pandemia exacerbou desigualdades sociais e econômicas, afetando principalmente as pessoas em situação de vulnerabilidade. Pais perderam filhos, filhos perderam os pais. Pessoas em geral perderam amigos e parentes e nem tiveram chance de uma despedida, pois isso não era permitido devido a contaminação. Ao se lembrar do ocorrido, semelha coisa de filmes.

Parecia uma realidade distante, de outras pessoas, mas não. Era a realidade do mundo todo: uma cena triste e que não queremos mais reviver.

Estava eu, à espera do meu bebê, e nem pude saber se era uma menina ou um menino, pois, nos hospitais, não

era permitida a entrada de pessoas que não fosse em extrema necessidade.

O cenário era o mesmo tanto nas cidades mais distantes quanto nas cidades mais próximas. A diferença era que alguns tinham a chance de um possível tratamento, um cuidado, enquanto outros nem isso podiam ter.

As crianças não podiam mais sair para brincar na calçada de casa. Ir ao supermercado era considerado “perigoso”. As lojas fecharam e as pessoas ficaram sem trabalhar. As escolas fecharam.

As cidades ficaram desertas e muitas ainda tinham o “toque de recolher” em certo horário. As pessoas que saíam na rua precisavam sair com o uso de máscara e ao retornar para casa, precisavam se higienizar, higienizar suas compras; a venda do álcool em gel e máscaras facial cresceu muito na época e algumas pessoas adquiriram esse hábito de higienizar tudo.

Devido aos fechamentos de algumas lojas, algumas pessoas puderam trabalhar em casa, mas outros perderam seus empregos.

Para piorar a situação, além da escassez na saúde, o desemprego cresceu e os preços das coisas aumentaram, fazendo com que muitas famílias passassem necessidades.

A pandemia mudou a vida de muitas pessoas, mudou rotinas, mudou a forma de viver e ver a vida. É uma realidade que não queremos que volte jamais!



Vidas Perdidas

Allana Kamila de Lima Bandeira



Elaboração a partir da IA DALL·E 2

O tempo! De fato, temos controle sobre ele? Vivemos à procura de sempre estarmos compensando esse período contínuo, no qual os eventos se sucedem e refletimos se tudo foi proveitoso da melhor maneira.

Em algum dia, acordamos e, de repente, se anuncia em telejornais e em todo o mundo a chegada de um vírus, que, a princípio, nos levou a pensar: “é distante do nosso país, para que a preocupação?” E, sem esperarmos, ficamos todos submetidos a tal pandemia da COVID-19.

Nosso pensamento nos leva ao filme de nossas vidas, bem ao início da vida, onde não existiam as pressões sobre as quais temos que lidar na vida adulta. No feito dessa análise profunda, sentimos a angústia e perguntas surgem a todo momento. Juntos ao pensarmos sobre a existência, percebemos que nunca estamos preparados para deixar a vida de modo tão repentino.

Durante a pandemia, ao passar dos dias, seja em Coari/AM ou em qualquer outro lugar do mundo, presenciamos

diversas interrupções definitivas de vidas. Algumas histórias bem vividas, outras sem mesmo terem o privilégio de viver duas décadas.

A dor do luto passou a tomar os sentimentos de uma humanidade. A tristeza foi ecoando e vidas roubadas. Até que ponto vai chegar? O que vai nos restar? Perguntávamos.

Logo após toda tempestade sempre há de vir um arco-íris. Erguemo-nos e é isso o que ocorre a cada nova etapa da vida pós-pandemia.

Reconstruamos tudo o que nos foi tomado. Hoje guardamos recordações e lembranças dos que partiram e retraçamos a rota com novas oportunidades a fim de idealizar o futuro sem tristeza e sem dor.



Sacolão

Ana Geci Bezerra Andes



Elaboração da autora a partir da IA DALL-E 2

Acesso em: 20 mai. 2024

O céu estava fechado nas primeiras horas daquela manhã de sábado.

Logo começou a chover. Caminhava em direção à Feira Alternativa com meu guarda-chuva em busca de um sacolão.

A feira estava lotada. Fui tentando passar pelos estreitos caminhos entre as bancas, congestionadas por pessoas andando desordenadamente. O lugar não tinha regras. Queria poder organizar tudo, andar sem atropelar as bananas da velhinha que insistia em me olhar feio.

Depois de uma década cheguei à barraca do sacolão. Peguei um que parecia cheio, custava cinco reais, lógico que achei caro.

- Ichi... é cinco é? — perguntei.
- Isso — respondeu o dono da banca.
- Ah sim — e coloquei de volta no lugar.

A chuva não deu trégua. Depois de andar quase a feira inteira acabei achando um senhorzinho sentado em uma cadeira de balanço, ao seu lado uma bacia com sacolão

— Tá quanto?

— É dois cada, para levar logo — Disse se balançando na cadeira.

As verduras estavam exuberantes. Comprei, sou de economizar. E já fui pegando meu rumo para casa, minhas sandálias deslizavam. Corri, não queria me molhar mais do que já estava molhada.

Foi colocar os pés dentro de casa e, claro, parou de chover.



Um Assalto de Humildade

Anthony Felipe Feitosa de Castro



Foto do acervo de Archipo Góes

Sexta-feira à noite, por volta das oito horas, na praça do Naide Lins, em Coari, Amazonas, acabei por ver uma cena bastante inusitada. Um homem por volta de vinte e poucos anos, sentado em um dos bancos olhando fixamente para seu celular, com certeza, distraído para não notar o que estava por vir.

Dois homens passando em uma lebreia meio acabada, ambos com um olhar de malícia, conversando sobre como abordar o rapaz e aplicar o assalto. O rapaz na garupa diz – “Iai mano, como nós vai roubar esse abestado” e o homem que estava dirigindo responde – “Só vai e fala, é um assalto”.

Como Coari mudou de pacífica e linda para violenta e cheia de ladrões, era o que parecia pelo menos, porque, por incrível que pareça a cena de roubo, foi a mais INUSITADA possível.

Ao abordar o rapaz mexendo no celular o ladrão diz – “É um assalto. Passa o celular”. Ao ver o celular do rapaz, um celular de botão, o ladrão pensa consigo mesmo – “Meu Deus, que celular podre”! Então o ladrão puxa um Iphone do bolso e diz: – “você precisa mais do que eu” e vai embora correndo para a moto.

O Primeiro Dia

Bruna Silva de Souza



Foto do acervo de Archipo Góes

Em uma manhã ensolarada de uma segunda-feira qualquer, vivenciei o tão esperado primeiro dia na faculdade. A emoção de ser caloura de uma universidade federal do município de Coari/AM misturava-se ao nervosismo, e meus pensamentos corriam a mil por hora. A combinação desses sentimentos era quase ensurdecedora, e uma única pergunta ecoava em minha mente: “O que acontecerá a partir de hoje?” — Perguntei.

À medida que o tempo passava, essa pergunta começou a ser respondida. Gradualmente, fui compreendendo como seria minha vida dali em diante. Grandes responsabilidades começaram a surgir, uma nova rotina se desenhou e a demanda de tempo aumentou consideravelmente. Entretanto, no meio de tantas emoções e medos, encontrei acolhimento. Fiz novas amizades, vivi experiências inéditas e, aos poucos, tive a certeza de que tudo ficaria bem e de que eu seria muito feliz ali.

A faculdade, como um todo, se revelou um verdadeiro caleidoscópio de oportunidades. É essencial saber aproveitar cada uma delas e ter a coragem para enfrentar essa nova etapa da vida. Porque, afinal, tudo é real e você não é mais apenas uma garotinha. A vida universitária exige maturidade, coragem e a capacidade de se adaptar a novas situações.

Assim, naquele primeiro dia, comecei a trilhar um caminho que prometia ser repleto de desafios e conquistas. Com o coração cheio de expectativas e a mente aberta para o novo, estava pronta para viver intensamente essa fase inesquecível da minha vida.

Tudo Mudou, Menos a Esperança

Clara Nascimento de Souza



Elaboração a partir da IA DALL·E 2

Hoje, olho pela janela da minha casa na cidade de Coari, Amazonas, e vejo as ruas vazias, um cenário que se tornou comum nos últimos tempos. O mundo parece ter desacelerado.

Foi assim que eu me vi num dia qualquer do início da pandemia da COVID-19 no ano 2020.

Era como se estivéssemos todos em pausa, esperando que algo mudasse. A pandemia chegou como um vento forte, levando consigo nossas rotinas, nossos planos e nossas certezas.

Nas primeiras semanas, o medo se espalhou mais rápido do que o próprio vírus. As notícias alarmantes e as incertezas sobre o futuro nos deixaram perplexos. No entanto, à medida em que o tempo se passava, algo mais forte começou a crescer dentro de nós: a esperança.

Aprendemos a valorizar as pequenas coisas que antes passavam despercebidas. Um sorriso por trás da máscara, um telefonema de um amigo distante, ou até mesmo o simples ato de respirar fundo e apreciar o presente. A pandemia nos ensinou a ser resilientes, a encontrar força onde achávamos que não havia mais nada.

No meio do caos, vimos a solidariedade florescer. Pessoas se uniram para ajudar os mais vulneráveis, comunidades se fortaleceram e o espírito de coletividade se tornou mais presente do que nunca. Aprendemos que juntos somos mais fortes, e que é possível superar desafios quando caminhamos lado a lado.

Agora, quatro anos depois, enquanto olho novamente pela janela, vejo as ruas pulsando vidas que seguem e percebo que muita coisa mudou. Uma coisa, entretanto, permanece inabalável: a esperança. A esperança de dias melhores, de abraços apertados, de reencontros emocionantes.

A pandemia nos transformou, mas não foi capaz de apagar a luz da esperança que brilha dentro de cada um de nós.



A Universidade

Daiane Stefany Tamayo Paima



Imagem de domínio público <https://unsplash.com/pt-br/images/stock/public-domain>
Acesso em: 22 mai.2024

Antes mesmo de terminarmos o 3º ano do Ensino Médio já pensamos em faculdade. Qual curso vamos fazer? Onde vamos fazer? As pessoas que não possuem uma boa condição financeira naturalmente irão tentar passar em uma universidade pública. E na maioria das vezes, aqueles que possuem melhores condições escolhem uma particular, conforme geralmente acontece aqui na nossa região de Coari/AM.

Independente da universidade, entrar em uma, é uma experiência incrível. Conhecer pessoas novas, fazer amizades e ganhar conhecimento é algo fabuloso que só a universidade nos proporciona. É claro que também irá nos demandar muitas noites em claro, estresses e cansaço, porém tudo isso valerá a pena mais para frente.

Como afirmou Charles Chaplin: “A persistência é o caminho do êxito” (1997).

A universidade não será difícil, mas também não será fácil: o que vamos fazer com isso só depende de nós. Precisamos saber administrar as situações e aproveitar ao máximo cada momento. Desde as provas, brincadeiras, jogos escolares, quadrilhas até os estágios e outros. Quando menos esperarmos, os 5 anos de curso já terão passado em um abrir e fechar de olhos, e, no final de tudo, esse tempo universitário só será lembrança em nossas memórias, mas eternizadas em nossos corações.

Corre, corre

Edimilson José da Silva Neto



Elaboração da autora a partir da IA DALL-E 2 em 23 mai. 2024

O Ensino Superior é uma loucura. A correria no ISB/UFAM nunca para. É como se estivéssemos em uma longa e infinita pista. Mas, nessa corrida, há sempre pausas, principalmente quando encontramos alguém especial, ou até mesmo, nem tão especial assim.

Outro dia, vi Miguel sendo xavecado por uma garota que por ali passava, mas, por ser meu amigo, sei que aquela não o interessava. Dois dias depois, de novo, desta vez, um menino, mas, Miguel não demonstrava reciprocidade. Se passaram mais dois dias, e outro alguém surgiu, mas, nada aconteceu. A partir daí, já não sabia mais o que Miguel queria, era um rapaz cativante, entretanto, os olhares alheios não os faziam parar a sua corrida.

Até Paulo surgir, um jovem charmoso, de cabelos claros como caramelo, um alguém que Miguel nunca havia notado. Passando os dias tiveram um rápido diálogo:

- Iaí? Tudo bem, Paulo? Disse Miguel, entusiasmado.
- Tudo sim! Estou a caminho da próxima aula, e tu?

– Tô no intervalo, a professora foi boazinha, deu 20 minutos pra gente dar uma respirada.

– Bacana! Gostaria de ter professores assim. – Riram descontraidamente, até cada um seguir seu caminho.

Assim, o destino começou a ajudar. Ora se viam pelos corredores, ora pela biblioteca. Suas conversas não eram longas, ambos viviam ocupados, mas sempre tinham tempo para um, “como foi seu dia?” ou “já almoçou hoje?”.

Parecia que mesmo correndo e cansados, uma parada para beber água e bater um papo era sempre bem-vinda.

Mas, em uma corrida infinita, obstáculos também são infinitos.

Semanas se passaram e os boatos pelos corredores começaram a surgir. Tentando conectar as informações, descobri a verdade sobre todo o fuzuê. Quando corri para contar a Miguel, a notícia já havia chegado aos seus ouvidos. E com os olhos marejados e a cabeça cabisbaixa, ele disse a mim:

– Paulo está comprometido, conheceu um outro alguém.



O Apagador

Edson Cauê da Silva Lira



(Public Domain Pictures, 21/05/2024)

Em um dia normal numa loja onde trabalho em Coari/AM, a rotina começa como em qualquer outro dia. Tomo meu café preto para me despertar e aguardar os clientes chegarem para atendê-los.

Certo dia, próximo do final do turno, eis que surge uma lenda, e eu digo:

— Bom dia meu patrão, como posso ajudar?

— Rapaz, me vê aí um apagador.

Ele responde, enquanto faz gestos com as mãos de como seria esse tal “apagador”. Com uma expressão um tanto confusa, ele tenta descrever o objeto. Eu tento entender o que ele queria, percebo que claramente não era um apagador de lousa. Então olhei para os outros funcionários com uma expressão nos olhos de quem diz “me ajuda pelo amor de Deus”. Logo outro funcionário veio me ajudar, e ele foi direto na prateleira de tomada, pegou um objeto e mostrou para o cliente.

O rapaz confirmou que era aquele objeto que ele queria.

O tal apagador, na verdade, era um simples interruptor de luz.

“Por Trás de um Sonho”

Elisama Moraes da Silva

João, menino dedicado da cidade de Coari/AM. Desde pequeno ele sonhava em ser engenheiro. Seus olhos brilhavam sempre que via um prédio, ou uma ponte majestosa em algum programa de televisão. Ele sabia que queria construir algo grandioso com suas próprias mãos.

Alimentando seu sonho, sua mãe, Dona Rosa, era sua maior incentivadora. Viúva e com poucos recursos, ela trabalhava como costureira para sustentar a família. Mesmo com todas as dificuldades, Dona Rosa sempre dizia: “Filho, você vai longe. Eu acredito em você.”

Os anos passaram, e a dedicação de João deu frutos. Ele conseguiu uma bolsa para cursar engenharia em uma universidade renomada na capital do Amazonas. A felicidade de João era imensa, mas também sabia que deixar sua mãe e sua cidade não seria fácil. Ele estava ciente dos sacrifícios que Dona Rosa fazia para que ele pudesse realizar seu sonho.

Na capital, a vida era diferente. A correria, os ônibus lotados e a solidão em meio à multidão eram fatos desafiadores. João enfrentava dias longos de estudo e trabalho para complementar a bolsa. Mas, sempre que pensava em desistir, lembrava-se dos olhos esperançosos de Dona Rosa e do esforço dela para manter a família.

As noites eram difíceis. João sentia falta do carinho da mãe, do cheiro de café fresco pela manhã e das conversas na varanda. Ele sabia que Dona Rosa estava em casa, costurando até

tarde para ajudar a pagar os custos que a bolsa não cobria. E isso o motivava a seguir em frente.

Finalmente, após anos de luta e dedicação, João se formou. No dia da formatura, ao receber seu diploma, ele procurou Dona Rosa na plateia. Lá estava ela, com os olhos marejados e um sorriso de orgulho. João correu até ela e a abraçou forte. Sabia que, por trás daquele sonho realizado, estavam os sacrifícios de uma mãe guerreira.

Naquele momento, João compreendeu que cada esforço, cada noite em claro e cada desafio enfrentado valeram a pena. E que, por trás de um sonho, existem amor, determinação e o apoio incondicional de quem nele sempre acreditou: a sua mãe.



Dilemas de um gato mal-humorado

Evellyn Kamilly Oliveira Sampaio

Nunca encontro esse gato quando preciso. Nada debaixo do sofá, da cama, da pia. Ele não pode ter sumido no ar. Ou ter se escondido em uma dimensão paralela. A frequência com que isso acontece faz parecer que ele sabe quando estou procurando, mas isso é impossível.

Olho o apartamento inteiro de novo, e com grande sorte, eu o encontro perto do banheiro. Ele aprendeu a usar a caixa de areia recentemente. Está se mostrando cada dia mais esperto.

Um carinho debaixo do queixo e ele vira seus olhos amarelos em minha direção.

— Pspsp Pspsp, vem aqui gatinho.

Ele vem desfilando, está de bom humor por enquanto.

Eu o pego no colo e preparo uma bacia rasa com água morna. Quando fecho o registro da torneira, uma goteira começa. Preciso lembrar de trocar essa peça.

Procuro o shampoo antipulgas, que é importante.

No meio do banho, o gato me arranha, mas nada fora do comum. Ele odeia água. Secá-lo é mais fácil. Agora vem a parte difícil, a barganha. Por isso, sempre começo o dia cedo.

Ele não entra na caixa de transporte de boa vontade. Então, pego seu petisco favorito e ando de costas bem devagar, enquanto ele me segue.

Sempre permito que ele pegue e prove um pouco, para que ele não desista. Quando ele está finalmente dentro, fecho a tranca.

Desço pela escada para evitar estresse.

Coloco a caixa no carro, bem presa com o cinto de segurança. Ligo o ar-condicionado e o carro está pronto para partir.

Cantarolo junto com a cantora da rádio.

Ao chegar na clínica, preencho a ficha e espero ser chamado, depois chamam o nome do meu pet. O veterinário me cumprimenta como sempre, e após algumas palavras, levanto a caixa do chão e a coloco sobre o balcão.

“Boa sorte”. É apenas um check-up de rotina, mas todos sabemos que meu gato é mal-humorado.

Que tal uma dose de conhecimento?

Maria Luiza Ramires de Almeida

Já fazia alguns dias que meu professor divulgava nas redes sociais sobre esse evento, em posts que falavam: “Conheça um pouco do maior festival de divulgação científica do mundo, o Pint of Science, que acontecerá no dia 15 de maio”. Seria a primeira vez aqui em Coari/AM e algo que chamava bastante atenção era o fato de que o evento aconteceria em um ambiente diferente: em um bar, que era restaurante e petiscaria ao mesmo tempo.

Ainda fazia algumas semanas que eu havia me mudado para cá e por que não ir prestigiar algo inédito para mim e, também, para a cidade? Eu, porém, não queria ir sozinha. Justamente no dia do evento, eu ouvi um colega falando que iria e decidi acompanhá-lo.

Nossa aula acabou às 17 horas e saímos direto para lá sem ao menos esperarmos o jantar do Restaurante Universitário. Fui assim mesmo, afinal o evento iria acontecer em um restaurante, não é?

Andamos por alguns minutos até o local e, por sinal, chegamos cedo demais, pois ainda estava fechado o estabelecimento. Decidimos ficar esperando na esquina, com um leve medo de sermos assaltados, pois nessas horas a mente já estava exausta das aulas que tivemos. Começamos a imaginar cenários em nossas mentes. Enquanto isso olhávamos um para o outro nos perguntando:

— Será que estamos no local certo?

Mas os minutos foram passando e as pessoas foram chegando, assim como os funcionários do bar e alguns professores e alunos da nossa faculdade.

O evento começou por volta das 19:30 e durante a noite tivemos duas palestras. A primeira palestrante foi uma professora universitária, com o tema “Carne de caça e saúde humana: qual a ligação?” A palestrante falou sobre os riscos das compras de animais que são caçados de forma ilegal, sem receberem os devidos cuidados antes de chegar na mão do consumidor. Ela também retratou da triste realidade da seca do ano de 2023, destacando os números de mortes de animais, principalmente dos botos, resultado da seca e de ações (ou falta delas) do próprio ser humano.

Enquanto isso, o estabelecimento funcionava normalmente. As pessoas assistiam as apresentações enquanto aproveitavam a comida e as bebidas.

A segunda e última palestra foi dada também por uma pesquisadora universitária e teve como o tema “Leptospirose no contexto da saúde única”. A palestrante mostrou os cuidados que devemos ter com locais de criação de gados e outros animais que irão ser consumidos, além do número de doenças e infecções por alimento, que, por sinal, aumentou. Finalizou mostrando pesquisas que ela faz em comunidades ribeirinhas e os registros de seus projetos de monitoram onças em uma determinada região.

A palestra terminou às 22 horas. Algumas pessoas continuaram fazendo perguntas, mas eu e meu amigo seguimos cada um para a sua própria casa.

O primeiro Pint of Science em Coari foi um sucesso e proporcionou uma experiência nova a todos que compareceram, mostrando que podemos conversar sobre ciência em qualquer lugar levando informações.

O próximo acontecerá em maio do ano de 2025, mas não se esqueçam de levar dinheiro para não passarem 5 horas com fome que nem eu, que me empolguei demais achando que, por acontecer em um restaurante, seria tudo de graça.

O Esperto Trouxa

Rafael Batista e Silva



Elaboração da autora a partir da IA DALL-E 2. Criação em 22 mai. 2024

Um forasteiro chega em Coari-AM e pega um motoqueiro. O motoca pergunta, aonde você deseja ir, meu patrão?

O rapaz começou a falar enrolado, mas deu para entender que queria ir ao Cristo redentor.

— Égua, é gringo

No meio do caminho eles foram tentando se comunicar, porém, era a mesma coisa que nada.

Chegando ao local desejado, o motoca pensou:

— E agora? Como vou falar o valor da corrida?

Pensou consigo, vou enganar esse trouxa.

— Deu oitenta reais a corrida, fazendo alguns gestos.

O forasteiro olha para ele fixamente e começa a rir.

O motoca diz novamente: — Deu oitenta reais.

Do nada, o rapaz corre e grita.

— ME ROUBA LOGO!

A Espera

Sheila Correia da Silva

Introversão: a tortura dos que não possuem tanta desenvoltura social, incluindo a mim. Mas peço-lhe desculpas, caro leitor, pela interconexão, apenas releve nossa tentativa de adaptação de forma irônica, querendo ficar na solidão. Na faculdade, novatos e veteranos vêm e vão, então me questiono: sonho ou lamentação?

Enquanto lia na sala da biblioteca do ISB/UFAM, vi algo intrigante. Parado na porta, o jovem tímido portava consigo um livro e um sonho, murmurando.

—Vou ou não vou? Eis a questão.

Vagando em pensamentos, caminha até uma mesa vazia, parecendo ser invisível ao resto do povo, exalando desconforto e revelando ser um novato em período de adaptação com a Instituição.

Sentindo que alguém o observava, o calouro tímido me encara, com expressão neutra e olhos gentis, pedindo por compreensão e interação. Segundos se passam, e uma veterana aparece. Em contraste com o anterior, ela é mais extrovertida, cumprimentando a todos com felicidade e disposição, conversando entre si, alheios à figura solitária.

Atenta à situação com interesse, eu me pego a desejar: At..., fale com ele também! Como se ouvindo meu desejo, ela o nota e diz.

— Iaê, já pode devorar o livro de anatomia ou tá cedo ainda rsrs?

O calouro sorri com hesitação e, timidamente, responde.

— Se quiser, é só querer, kkk!

Ambos caem na risada, preenchendo a sala com alegria.

Enquanto At se senta à mesa com o novato, antes solitário, seu dia começa a ganhar cor, e eu o vejo transbordar de alegria e empolgação.

Eles conversam tranquilamente. Nomes são citados, histórias contadas, informações passadas. E a tortura do pobre calouro parece chegar ao fim, com um final que diz assim... — Te vejo depois, novato!

Lockdown

Thaylana Monteiro de Souza



Crédito da fotografia: Pixabay

Por que tudo parou tão rápido? O que aconteceria a partir daquele momento? O fato gerou nossos incontáveis dias trancados em casa, com dúvidas sobre todas as coisas: susto ao ligarmos a TV, medo incomensurável das perguntas sem menor resposta e das imprecisões que nos corroíam.

Em 2020, o mundo foi tomado pela pandemia da COVID-19. Aqui em Coari/AM, não foi diferente. Após o coronavírus aparecer, o cenário pandêmico nos fez questionar sobre o quanto éramos fracos perante o novo e as coisas impensáveis quando as imaginávamos.

Por que a gente? Jovens questionavam em plena pandemia. Facilmente pensavam: “por que na minha vez de viver a tão sonhada adolescência?”

Filhos e pais perderam seus entes queridos.

Em um período que nunca imaginamos passar, havia um sofrimento no silêncio das casas, com questionamentos do porquê não podiam dar o que os entes mereciam quando mais precisavam...

São dores que guardamos até hoje...

Acho que, à época, cada um, com seu ponto de vista, tinha uma esperança, mas não sabíamos quando exatamente chegaríamos ao tão esperado último dia de lockdown.

Esperança de um novo dia, após tudo que vimos perante os nossos olhos.

Coari: uma joia amazônica

Walderlane Santos dos Santos



Foto do acervo de Archipo Góes

No coração da Floresta Amazônica, onde os rios dançam entre as árvores e o verde se estende até onde a vista alcança, encontra-se Coari (interior do estado do Amazonas), uma pequena cidade com uma grande história para contar. Compará-la com outros municípios é como tentar capturar a essência de uma borboleta: cada lugar tem sua própria beleza única, mas Coari brilha com um brilho especial.

Em comparação com Manaus, a capital do estado, Coari é como uma irmã mais nova, menos conhecida, mas não menos encantadora. Enquanto Manaus é uma metrópole vibrante, Coari é uma tranquilidade à beira do rio, onde o tempo parece deslizar suavemente, imperturbável pela agitação das grandes cidades.

Ao comparar Coari com outras cidades ribeirinhas da Amazônia, como Tefé ou Parintins, percebemos que cada uma tem sua própria personalidade. Tefé é conhecida por sua rica cultura indígena, enquanto Parintins brilha com o esplendor de seu festival folclórico dos bois Garantido e Capricho. Coari, por sua vez, é uma mistura única de tradição e modernidade, onde as lendas da floresta se misturam com o zumbido da atividade econômica.

É verdade que Coari enfrenta seus desafios, como qualquer outra cidade. Mas é também verdade que sua beleza natural e a resiliência de seu povo são inegáveis. À medida que o mundo continua a mudar, Coari permanece como uma testemunha silenciosa da magnificência da Amazônia, um lugar onde o passado e o presente se encontram em harmonia às margens do rio. E isso, por si só, a torna verdadeiramente especial.

O Silêncio no Corredor

Wilesson Moreira Josino



Elaboração a partir da IA DALL·E 2

O ano foi 2019. Tudo aconteceu muito rápido eu não tive como reagir. Quando eu estava voltando de um retiro da minha igreja, em Coari/AM, percebi tudo muito calmo. Mal sabia que dali adiante tudo iria mudar.

Cientistas de todo mundo buscavam uma vacina para aquele mal que matou tantos de nós. Enquanto isso, vi pessoas ao meu redor morrendo aos poucos sem ar por causa da COVID-19. Junto dela, veio um mal que sempre esteve aí, escondido para a maioria, o mal silencioso da depressão, que atingiu muito a população, e eu sou um dos que foi atingido também!

A cada dia daquele ano, eu me sentia preso em minha casa, por estar com medo de ser o próximo alvo desse vírus. A cada dia, eu me sentia preso em pensamentos intrusos e o medo de perder quem eu mais amo se tornou uma rotina ao ponto de eu me sentir sempre ansioso. De eu me sentir insuficiente diante de tudo.

Após um ano e meio que se passou as coisas foram melhorando mundo a fora. Já existia uma vacina e havia uma esperança no mundo, mas foi tarde. A pandemia mexeu muito com o psicológico das pessoas e com o meu também.

Para piorar a situação, aquele que eu chamava de irmãozinho contraiu o vírus e foi internado. Mas ainda havia uma última esperança de ele voltar para casa. Foi o que minha mente estúpida disse a mim para poder me consolar da dor de tê-lo perdido. Ela, porém, ficou em silêncio ao saber da verdade e caiu em lágrimas.

Ao perceber o silêncio que ele deixou no corredor de nossa casa onde nós brincávamos de bola e aventuras, sinto falta da nossa mãe brigando conosco por determinada sapecagem.

— Eu me sinto uma péssima mãe – dizia ela – por não ter visto os sinais que meu filho apresentava diante de mim e de não está com ele.

— Estou desolada por estar lendo essa carta de despedida. Tarde demais...



Novo mundo

Amandha Gabrielly Alves Dutra

Reflito-me sobre o ano de 2020, quando o Ensino Médio se transformou em um labirinto de desafios e descobertas por causa da pandemia da COVID-19. A pandemia não apenas redefiniu o nosso cotidiano, mas também alterou radicalmente a forma como aprendemos e nos relacionamos. Lembro-me da minha época de estudante, quando o simples ato de ir à escola era rotina na cidade de Coari - Amazonas.

Logo, com a pandemia, cada dia se tornou uma batalha para manter o foco e a motivação. As aulas on-line se tornaram a norma, e as interações virtuais, junto das cozinhas cheias de conversas com a família, substituíram os corredores animados e as conversas entre amigos durante os intervalos.

As dificuldades surgiram em todos os cantos. Alunos e professores se viram repentinamente lançados em um mundo digital desconhecido, lutando para acompanhar o ritmo frenético das mudanças tecnológicas. A falta de acesso à internet ou dispositivos adequados se tornou uma barreira para muitos, ampliando ainda mais as desigualdades educacionais.

Mas, apesar de todas as adversidades, o Ensino Médio durante a pandemia também nos ensinou valiosas lições de resiliência e adaptação. Aprendemos a valorizar cada momento de conexão, mesmo que fosse apenas através de uma tela. Eu e meus colegas descobrimos, juntos, novas formas de colaboração e aprendizado, adequando-nos à este novo mundo, explorando recursos online e desenvolvendo habilidades de autoaprendizagem que serão úteis ao longo da nossa vida.

Portanto, o Ensino Médio pós-pandemia não foi e nunca será mais o mesmo.

Estado de Pandemia Emocional

Arirarra Dantas de Souza



Gerado por Microsoft Copilot Designer em: 20 mai. 2024

O que parecia estar longe do outro lado do oceano, como um sopro, chegou.

O que o vento nos trouxe?

Cada possibilidade e inconstância de sentimentos e emoções.

Tempo de incertezas e distâncias forçadas. As ruas movimentadas agora emitem o som do silêncio. E então, seguramos a respiração, enquanto o que acontecia se espalhava, ignorando fronteiras e diferenças, escondendo sorrisos e lágrimas.

O toque se torna proibido, olhares se esquivam, abraços se tornam apenas lembranças distantes, como se fossem fotografias desbotadas em álbuns empoeirados.

Um “click” e mais uma vez meus pensamentos se tornam frágeis.

Diferentes cenários, porém, a situação é a mesma. O mundo se transforma em um palco de incertezas. E nos perguntamos, quanto tempo mais iremos suportar?

Cada notícia parece uma tortura, a falta dela é um desespero. Os números crescem em um piscar de olhos.

O futuro é temido, dias e noites se passam constantemente. Minha mente se aprisiona em fatos recorrentes, o coração acelera e simplesmente o sono diz adeus.

As noites se tornam um campo minado. Não é algo que se possa controlar. Não é que seja medo, talvez esteja apenas assustada. A sensação é devastadora e intrusiva, onde a angústia reflete a aflição pelo anseio da paz.

De todas as chances, através de uma vacina experimental, uma possibilidade de esperança. Mas, mesmo com a promessa de imunidade, sabemos que as coisas não voltarão a ser como antes. O mundo se transformou, e nós também. Entretanto, no fundo, sabemos que a verdadeira transformação está dentro de nós. Não é apenas sobre sobreviver aos acontecimentos, é sobre como escolhemos viver quando tudo isso passar.

O que faremos com essa segunda chance? Como moldaremos nossas vidas e nossos relacionamentos? Se seremos mais humanos? Talvez! Talvez aprendamos, com a COVID-19, que afligi não somente a cidade de Coari/AM, mas também o mundo inteiro, principalmente no ano 2020, a valorizar mais os abraços, a apreciar os pequenos momentos e, quem sabe, ser mais solidário.



Nas margens da esperança

Carla Nicolly Ferreira Gonçalves



Imagem ilustrada por Carla Nicolly Ferreira Gonçalves, 22.05.2024.

Em meio ao vasto Rio Amazonas, vive a esperança. A esperança de poder prestigiar o lindo encontro das águas, sem sentir o medo de vê-lo secar.

Em meio a vasta floresta, no Amazonas, vive a esperança. A esperança de prestigiar a linda e vasta floresta, sem sentir o medo de vê-la acabar em cinzas.

Tantas histórias, tantas vidas, vidas que boiam em meio ao rio. O rio que simplesmente pode algum dia secar e sumir. O rio moreno e esperançoso.

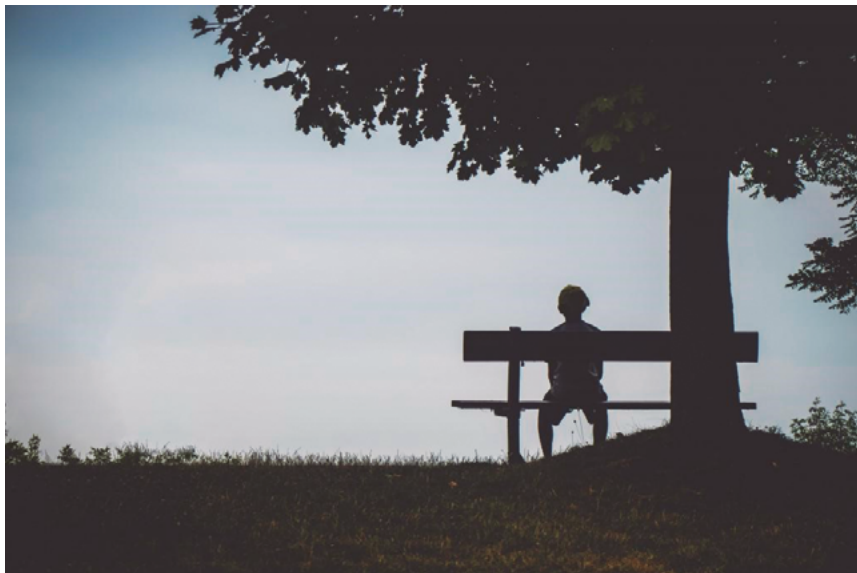
A esperança se encontra presente na vida daqueles que lutam pelo bem da natureza, na vida da fauna e flora que compõe os rios e florestas, das pessoas que lutam contra os impactos ambientais do ser humano inconsciente e das atitudes tomadas.

A conscientização está aí, refletindo naqueles que no futuro temerão. Na corrente da vida que o rio moreno fornece para a vasta floresta verde do Norte.

Ao olhar para a floresta, em meio à noite, é visível um grande clarão, que atravessa o vasto rio seco em meio a esperança e escuridão. Não é um lindo pôr do sol, nem clima de festa, muito menos São João, mas sim, clarão de uma grande destruição à saúde do meio ambiente e para a população, além daqueles que futuramente viverão, em um Amazonas seco e sem perdão.

Solidão Escolhida

Carlos Eduardo de Matos Simoes



<https://1freewallpapers.com/pt>

Há muito tempo observo minha querida amiga, sempre envolta em uma aura serena e uma expressão de paz interior. Frequentemente a encontro vagando sozinha pelos corredores da Universidade Federal do Amazonas, Campus Coari - Amazonas, ou acompanhada de poucos amigos. Às vezes, penso que ela pode se sentir só, mas nunca a ouvi lamentar-se. Intrigado, passei a procurá-la em lugares remotos da faculdade, como a biblioteca silenciosa e o jardim verdejante. Quando não a encontro nesses lugares, sei exatamente onde procurá-la: no último andar do prédio, subindo as escadas estreitas e pouco iluminadas.

Ao chegar ao topo, encontro-a sentada em um banco de madeira, banhada pela luz dourada do sol que se espreme pelo fim do corredor. Observando seu semblante calmo, eu me sento ao seu lado e começamos a conversar como velhos amigos. Nessas conversas, vejo um brilho de felicidade em seus olhos castanhos e nas pequenas risadas que formam covinhas encantadoras em suas bochechas. Quando me levanto para sair, vejo-a se juntar aos colegas. Apesar da pouca companhia, ela nunca está realmente

sozinha. Seus amigos a acompanham, seja para estudar em grupo na biblioteca ou para descontrair no jardim.

Observando-a de longe, percebo que a solidão que imaginava era uma ilusão criada por meus próprios julgamentos. Será que a solidão que eu via era realmente o que ela sentia? Ou eu estava interpretando suas ações através das minhas próprias lentes? O que realmente define a solidão? Ausência de companhia física? Falta de conexões emocionais profundas? Ou algo mais subjetivo e individual?

Para minha amiga, a solidão pode ser um momento de paz e introspecção, um refúgio da agitação do mundo exterior. Ela usa esses momentos para ler, apreciar a natureza ou observar as pessoas, criando histórias em sua mente imaginativa. Mesmo caminhando sozinha, ela carrega consigo a companhia de amigos verdadeiros, que a apoiam e a fazem sorrir. Sua solidão, ou melhor, sua solitude é uma escolha consciente, um refúgio para autorreflexão e criatividade. Isso me leva a repensar meus próprios conceitos sobre solidão e felicidade, reconhecendo a diversidade de experiências e perspectivas de cada pessoa.



Eaí, Universitário?

Caroline da Silva Campos



Foto do acervo de Archipo Góes

A vida de universitário(a) é uma loucura, não é mesmo...

— Rapaz... ainda é o primeiro período no ISB/UFAM e eu já procurei meu caderno até no forno do fogão. Disse Olívea.

— Aaah! Pelo menos não foi na geladeira. Respondeu Eduarda,

É, meu povo, essa vida de universitário exige uma mudança de rotina repentina, e você é obrigado a se adaptar, caso ao contrário, meu filho, teu despertador vai tocar à vontade. Mas, pensando bem, o café da manhã custa apenas 1,50.

— Meu maior problema não é esquecer onde deixei minhas coisas, mas sim acordar pela manhã, mesmo assim, eu me levanto.

— Tem gente que é motivado pelo restaurante universitário (RU). Disse Eduarda.

— Aaah, para! Quem me motiva é o aluno gato, meio Tim Bernardes, meio João frango. Comentou Claudinho.

Mana do céu, ele tem namorada. Disse Olívea.

— E daí? Ele combina mais comigo. Já pensou? Um Nutricionista e um Enfermeiro? Casaria certinho. Respondeu Claudinho.

— Queria ter os mesmos motivos, mas estou aqui porque sou pobre e burra. E ainda inventei de transar sem camisinha, resultado... Athena de Cavaleiros do Zodíaco e Daenerys de Game of Thrones. Comentou Eduarda.

— Cara, tem gente aqui só para esfregar o diploma na cara das tias. Acrescentou Olívea,

— Mas, também, tem gente aqui que deve muito aos pais e sonha em proporcionar uma velhice digna para aqueles que fizeram da sua infância até aqui, uma eterna lembrança de dedicação, amor e cuidados. Disse Claudinho,

— Pois eu só saio daqui depois que eu comprar meu terreno com o dinheiro do auxílio acadêmico. Brincou Olívea.

— Até lá tu já jubilaste, minha filha. Respondeu Claudinho.

Eu vou jubilar e vou estar casada com um conterrâneo. Brincou Olívea.

É, entramos aqui por vários motivos, mas com a mesma intenção de se formar e não ter de puxar saco de políticos para se manter empregado. Se formar e poder dizer que venci sem ter me enlouquecido, exceto os alunos de Matemática e Física, que é quase impossível.



Sentimentos profundos

Eloinny Nunes dos Santos



Foto do acervo de Archipo Góes

Um olhar diferenciado muda a forma de como podemos ver o que acontece ao nosso redor e, nos receios de tantas emoções que sentimos ao mesmo tempo, fica difícil expressar o que realmente aquele momento representa...

Em uma cidade do interior do Amazonas, no Hospital Regional de Coari, observo os corredores cheios de imensas histórias, antes e pós vida dos entes queridos, vida de necessidade, vida de alívio.

Parece que ali é o lugar da compreensão da vida e do sofrimento à exaustão. Lugar das dúvidas e de onde achar, na incerteza e no meado de turbilhão de fatos, a certeza de continuar.

Diante de uma lua e da noite estrelada, eu estava na porta do hospital meditando: a esperança vem para acalmar os

corações daqueles que estão em pranto à espera de um milagre que pode ocorrer a qualquer momento...

Seguindo na minha reflexão, não tive como não notar uma mãe, próxima de mim, com a preocupação exposta em seu rosto, à espera de alguém. Não demorou muito, ela avistou seu filho, que vinha se aproximando da frente ao hospital. Os dois se aproximam, um alívio surge de ambas as partes como se fosse uma mamãe passarinho e seu filhote perdido que volta para suas asas acolhedoras e protetoras.

Logo depois eles caminham para a porta de entrada e desaparecem diante dos corredores.



Por que esta distância?

Giovana Trindade Mota



Foto do acervo de Archipo Góes

As vezes me pego pensando, “por que o sol e a lua não brilham ao mesmo tempo?” Será que eles vivem em uma relação de amor e ódio? Um quer brilhar mais do que o outro por puro egoísmo, ou eles se gostam e a luz é a prova de que o amor sempre vai estar lá, brilhando?

Qual o objetivo da distância? Deixar a lua mais fria e o sol mais quente?

Dizem que se juntar os dois “corpos” teremos um equilíbrio térmico. Será que os dois se completam, ou a distância é o que os mantém existentes?

Em Coari/AM, o sol ferve, assim como a saudade que sinto de você.

Meu bem, vamos tentar? 3,887 km nem é tão longe assim. Para quê ficarmos como o sol e a lua, vivendo assim tão distantes...

O calor da cidade de Coari pode ser amenizado com o equilíbrio térmico do nosso amor.

Não? Onde está você, agora?

Outro Dia

Jacqueline Ataíde de Souza

Outro dia estava a pensar: observando este município onde eu moro. Há algum tempo Coari/AM era conhecida como “a terra da banana”. Sua fama era de ser grande produtora de banana. À época, inclusive, acontecia uma festa para eleger a rainha da banana, com apresentações e atrações regionais.

Hoje fico a me perguntar...e agora? Como Coari é conhecida?

Atualmente as pessoas dizem que a cidade é “a terra do petróleo e do gás natural”, mas isso é tudo? Não! Creio que também podemos ver Coari como uma cidade universitária, com o seu importante Instituto de Saúde e Biotecnologia da Universidade Federal do Amazonas (ISB/UFAM).

Sabemos que o ISB/UFAM não abriga todos os aptos estudantes do município, mas também sabemos que ele desperta sonhos a estudantes de toda a região do Médio Solimões.

Eu, por exemplo, sou uma universitária. Amanhece o dia e começa a rotina de ir para a faculdade, uma experiência nova para uma caloura, um olhar que procura observar tudo e tenta decifrar algumas coisas e pessoas, como por exemplo o cotidiano da cidade e da universidade.

Uma das diferenças do Ensino Médio para o Ensino Superior é que, neste segundo, o estudante precisa ter autonomia e agir com responsabilidade de adulto. Observando mais de perto um aluno universitário veterano, percebemos o quanto ele já está acostumado com os afazeres e a rotina da universidade. Então, para ele tudo parece revelar um olhar comum.

Em breve essa caloura, no caso eu, terei o mesmo olhar do veterano, e já não haverá diferenças entre nossas perspectivas.

E o município? Seja ele denominado por terra da banana, terra do petróleo ou terra universitária, ele tem mesmo é uma qualidade de ser inabalável. É a minha terra. É a nossa terra: a terra dos resilientes sonhadores brasileiros do Norte deste Brasil.

A Surpresa

Jessica Parintintin Oro Nao



Foto de arquivo próprio da autora. 20 mai. 2024

A minha chegada ao município de Coari – Amazonas – foi muito estranha. Durante a viagem passei horas me perguntando em como a cidade era e o que eu faria primeiro, já que era a primeira vez que eu iria morar sozinha.

Quando cheguei, por volta das 23 horas, eu me deparei com um rapaz que se apresentou como “mototáxi”. E foi bem ali que tive a minha primeira surpresa. Fiquei aguardando que ele me passasse o capacete. Descobri, então, que nem todos na cidade usavam capacete. Fiquei uns segundos pensando naquilo e me perguntando em como a polícia rodoviária deixava isso acontecer.

Depois de alguns dias morando em Coari, percebi que se tratava de um costume cultural. Outras coisas também me deixaram impactada como, por exemplo, sobre o quanto é absurdo o preço do táxi e os produtos nos mercados, se comparados à minha cidade Natal.

Ah... e como eu me sinto hoje - meses depois da minha chegada - em que já sou uma universitária moradora da cidade? Passei a me acostumar com tudo a minha volta, mas, de vez em quando, eu me surpreendo com uma ou outra novidade da cidade: a surpreendente surpresa da cultura coariense.

A batalha pelo ar

Joao Walcy Gomes da Silva

Quando eu me acordei no dia 11 março de 2020, comecei a ouvir umas notícias que um inimigo estava se preparando para uma guerra de ataque à população Terráquea: era o coronavírus, que provocou a pandemia da COVID-19.

O coronavírus era tão sutil e perigoso que as pessoas não podiam nem conversar pessoalmente, a não ser que estivessem protegidas com máscaras. Sua presença na sociedade mundial transformou os seres humanos em prisioneiros nos próprios lares e aqui, em Coari-AM, não foi diferente – ficamos trancados em casa.

Mesmo se escondendo, o coronavírus nos achava e matou muitos. Aos sobreviventes, matava-nos aos poucos, retirando o nosso direito de respirar livremente, pois se não obedecêssemos às normas que foram estabelecidas era morte na certa! Ele usava pessoas assintomáticas para exercer sua mortalidade àqueles que estavam presos em casa.

A situação afetou o psicológico de muitos cidadãos, deixando sequelas. A guerra intensificou e trouxe uma mortandade grande aos seres humanos, os quais foram enterrados como alimentos estragados em grandes valas.

Havia grande pelotões de agentes no combate da linha de frente, os quais lutavam para nos salvar, mesmo assim, eram poucos para a quantidade enorme das vítimas da guerra.

Pessoas se desesperavam para conseguir oxigênio e garantir o ar da sobrevivência, principalmente aqui no Norte do Brasil. Tudo isso porque não houve preparação para tal guerra.

O tempo foi passando e o inimigo foi vencido, pelo menos em termos de pandemia. Entretanto, ainda hoje devemos ficar atentos para não sermos pegos de surpresa novamente.

Bem-vinda a sua nova vida

Letícia Cavalcante Lima



Autoria própria: Letícia Cavalcante Lima, 25 mai.2024

Pude jurar ter tido um dejavu no momento em que meus olhos entraram primeiro do que meus pés na universidade, e de repente eu tinha cinco anos novamente e adentrava os portões da escolinha segurando a mão da minha mãe com tamanha curiosidade e empolgação que não cabia em mim. O anseio pelo novo não me deixava ter medo.

A diferença é que agora tudo que eu fizesse estaria sobre minha responsabilidade e eu não poderia mais ir chorar no colo da minha mãe toda vez que algo desse errado.

Havia centenas de calouros tão curiosos e empolgados quanto eu, e centenas de veteranos com aquela cara de “essa empolgação não vai durar uma semana”, mas eu posso jurar que naquele dia as árvores pareciam mais verdes, o céu parecia mais azul, e o mundo parecia maior, e eu era capaz de tudo.

Os corredores eram como veias pulsantes de conhecimento, em que cada estudante carrega consigo uma perspectiva única, moldada por suas experiências.

Foi em meio a uma roda de conversa que fez parte da programação para acolhida dos calouros, que eu tive, pela primeira vez, certeza sobre o que eu queria para minha vida. Eu tive aquela sensação de “escolhi o curso certo”. O modo em que os mais experientes falavam sobre como amavam o curso e o quanto amavam a profissão, inspirou-me. O modo em que eles gesticulavam, e o sorriso no rosto e a carinha de quem vai morrer de saudades por estar na reta final.

No final das contas, todos os veteranos e calouros compartilham o mesmo sentimento: a universidade é um local cheio de descobertas e transformações, e que embora nossas perspectivas sejam diferentes, somos unidos pelo desejo de aprender e amor pelo ambiente que nos cerca.



Diferença

Marcele de Souza Ferreira

Na semana passada recebi um convite para sair com meus amigos, e enquanto andávamos pelas ruas de Coari, observei pessoas fazendo caminhada, andando de bicicleta, correndo e se divertindo.

Fiquei impactada, pois na minha cidade, chamada Barreirinha, as pessoas não têm o hábito de praticar exercícios. E andando na rua do aeroporto me deparei com o ginásio de uma escola e lá jovens jogando bola se divertindo, chega da gosto de olhar. Muito legal!! Em seguida, vi uma praça onde rapazes jogam basquetebol, algo que, para mim, é raro de se ver.

Falei para os meus amigos de como Coari é uma cidade bonita, acolhedora. Aqui as pessoas são supersimpáticas, trabalhadoras. Nas feiras, vi pessoas vendendo peixes, muitíssimas frutas, pessoas trabalhando nas ruas, sempre dedicadas. Falei para meus amigos como aqui as pessoas valorizam o esporte e é algo admirável. Adoraria que na minha cidadezinha os indivíduos fossem desse jeito.

Afinal, cuidar da nossa saúde é muito importante e depende de nós mesmos e dos nossos estilos de vida.

Memórias de uma cultura coariense

Maria Eduarda Oliveira de Souza



Fotos de arquivo particular da autora, referente às suas tias, no lado esquerdo, e sua mãe, no lado direito (1992).
Destaque boi mirim Raio de Prata e da Marujada Boi Corre-Campo

Durante toda a minha infância ouvi como eram os festivais de Coari/AM entre as décadas de 70 e 90. Minha mãe contava histórias interessantes sobre como Coari costumava ser, com brincadeiras divertidas e animadas. Lembro-me da história sobre a festa da banana, que acontecia durante três dias e durava o dia todo, havia vendas de artesanato de banana, concurso do maior cacho de banana e melhor prato típico e, durante a noite, tinha a festa com atrações como, por exemplo, a cantora Perla. Recordo da minha mãe dizendo:

— O prefeito a derrubou no chão enquanto dançavam.

— Eu soltei uma risada. No final da noite, era escolhida a ganhadora da Rainha festa da banana.

Além da festa, acontecia o festival folclórico. É a comemoração que minha mãe mais guarda na memória, pois ela era da marujada, ou seja, uma pessoa das pessoas que tocava o instrumento durante a apresentação do boi.

Antigamente, as quadrilhas de dança eram maiores, havia a competição entre o boi-bumbá Garantido e o boi-bumbá Corre-Campo, com apresentações que ela lembra até hoje. Também havia competição entre bois mirins, chamados Estrelinha e Raio de Prata. No último ano de apresentação, o Corre-Campo trouxe uma onça de Parintins com a cunhã-poranga montada.

Atualmente, temos a ciranda do amor, paixão e renovação, que fazem apresentação no Centro Cultural e não temos mais a festa da banana, nem o antigo festival folclórico, ambos acabaram na década de 90. Hoje não temos mais as brincadeiras que tinham, sinto que antes tudo era bem mais prestigiado. Não vivenciei aquela época, mas gosto de ouvir essas histórias e ver a animação da minha mãe enquanto conta, percebendo que só resta saudade.



Calouros Ansiosos

Maria Gabrielle de Oliveira Santana



<https://www.gratispng.com/png-38zf3b/download.html>

Acesso em 29 junho de 2024

O ISB/UFAM dava as boas-vindas aos calouros, que, por sua vez, observavam com curiosidade tudo ao seu redor. O brilho nos olhos era característico de quem ansiava por explorar cada pequeno detalhe da instituição. Em contrapartida, os veteranos apenas observavam o entusiasmo dos novatos. Aos seus olhos, toda aquela euforia era um tanto cômica, afinal os novos estudantes não imaginavam o que lhes esperava.

Os calouros, claramente ansiosos para o que aconteceria naquela nova jornada de suas vidas acadêmicas, carregavam suas mochilas cheias não só de livros, mas também de sonhos. Demonstravam estar preparados para explorar aquele ambiente que, para eles, era repleto não só de sabedoria, mas também de histórias.

Sob o olhar dos calouros ansiosos, os veteranos eram a verdadeira voz da direção daquele lugar. Eles iam e vinham de todos os lugares da enorme instituição sem medo de se perder no caminho. Seus rostos transpareciam ter passado por situações inimagináveis diante da imaginação fértil dos pobres calouros. Era

explícito que os veteranos guardavam um segredo obscuro que mudaria a vida dos inocentes calouros.

Por trás das brincadeiras dos mais velhos com os recém-chegados, eles reviviam em suas memórias a primeira vez que passaram pelos grandes portões da universidade, cheios de sonhos e prontos para enfrentarem os desafios que seriam impostos. Já os calouros, apenas viam os veteranos como guerreiros que em breve se tornariam sua fonte de inspiração, mesmo que suas falas fossem recheadas com pitadas de humor e diversão.

É assim que o baile se repete ano, após ano, naquela instituição chamada Instituto de Saúde e Biotecnologia. Calouros ansiosos e esperançosos, enquanto veteranos, de longe, observadores, sem interferirem no momento canônico da jornada acadêmica, sabendo que no fim todos fariam parte da mesma família.

Os calouros não sabiam, mas havia algo que os unia aos veteranos, um elo lindo e inquebrável chamado: Espírito Acadêmico.



As cicatrizes deixadas

Maylene Daiane da Silva Benacon



Elaboração da autora a partir da IA DALL-E 2

Lembro-me do dia em que o mundo parou por causa da pandemia da COVID-19. Eu estava em casa, quando de repente a notícia se espalhou. Um vírus invisível e silencioso, estava se espalhando. Mas o vírus ainda “não” tinha chegado no Amazonas, o único procedimento que seguíamos era o uso de máscaras e álcool em gel.

Então eu pensava comigo mesmo “isso vai passar logo”, mas logo saiu a notícia: “governo determina a suspensão por 15 dias das aulas”. O tempo foi prorrogado e assim se passaram semanas e meses.

A nossa casa, antes um refúgio, tornou-se o único mundo possível. Então assim aprendemos a lidar com a solidão, a angústia e o medo assim como a pensar que a qualquer momento podia ser alguém da nossa família, ou até mesmo nós mesmos.

As máscaras no começo me incomodavam, mas tornaram-se parte do meu vestuário diário.

A tela do celular se tornou minha sala de aula e tudo era através do mundo virtual. A tecnologia nos manteve conectados, mas sentíamos falta do mundo lá fora.

Eu, particularmente, sentia falta do toque humano, dos abraços, dos meus amigos e até mesmo saudade de ir para uma sala de aula presencial.

Tudo seguia o mesmo ritmo, até que as vacinas foram criadas e, lentamente, começamos a visualizar um retorno ao “normal”, não como antes, claro.

A pandemia nos deixou marcas profundas, cicatrizes que nos lembram da capacidade humana de se adaptar.

Agora olho para trás e vejo o quanto somos fortes.



A Bela Atalaia onde nasci e a bela Coari onde vivo

Raquel Adriana Soares Graça



Atalaia do Norte (Foto: Nailson Tenazor/ABr/CC)
<https://images.app.goo.gl/tSowUnFcNADYoMyZ8>

Minha querida Atalaia, a pérola do javari, tão bela como sol, és bela para mim. Quero aqui expressar o amor que sinto por ti, jamais esquecerei onde me criei, não esquecerei o lugar onde morei. Cidade acolhedora, lugar encantador, preciso reconhecer que jamais irei esquecer as noites de luar, eu corria sem parar, os dias de chuva eu estava lá, não pensava duas vezes sempre corria sobre ela, adorava imaginar que estava girando sem parar.

Atualmente, vivo na cidade de Coari/AM. Por aqui tudo é novo, tudo é diferente. É uma cidade acolhedora, bem pertinho da gente. Logo quando cheguei vi o Cristo Redentor, algo interessante em um lugar marcante de viver. Terra abençoada por Deus. O vento sopra para cá, e vamos sentindo a brisa do ar no nosso lar. Coari terra diferente por ser a cidade da gente. Terra acolhedora por ter pessoas boas. Cidade inigualável, lugares marcantes por ser uma terra vibrante.

Aqui, a chuva cai e molha sem parar, cobrindo o sol devagar. Vejo crianças sorrindo e trazendo consigo lembranças de um pequeno lugar, onde podemos cantar e girar sem parar até a noite chegar bem devagar. Coari tornou-se bela para mim desde o

primeiro momento que a vi. Vejo crianças brincando na Praça Pôr do Sol. O sol, assim que surge, traz consigo um dia marcante. Assim que se põe, ele deixa uma noite vibrante. Alegro-me contemplando a beleza dessa Praça, da cultura diferente e da luz do luar que vem chegando, pois a noite não pode parar.

Também me lembro de Atalaia. Lá, a chuva caía sobre o rio tão transparente como a luz do luar, mal sabia eu que não podia nadar, mas estava lá. Ó minha Atalaia, preciso recordar o que fizeste para mim. Preciso retornar ao lugar das maravilhas que é o açai. A pérola do javari, és rica como sol, tão rica para mim, preciso expressar o que sinto por ti, preciso dizer que és pérola do meu javari. Como saber expressar o amor que sinto por ti, como saber descrever tudo que se passa ali.

Como saber descrever as memórias que tenho de ti, Atalaia! São imagens e lugares marcantes, com banho ao lugar vibrante do meu javari. A bíblia fala de ti, ó Atalaia marcante, com lugares exorbitantes, preciso saber o que tens a oferecer, preciso saber o que fazer para não esquecer, a pérola que ali faz renascer. Todos precisam conhecer o lugar que me fez renascer. O caldo de tucunaré e a sardinha, eu não deixarei de comer, além de expressar o teu amor pelo peixe que fez renascer. Lembro-me da minha infância, das marchas quando passavam e das pessoas que as admiravam, todos orgulhosos choravam.

As lembranças marcantes que até hoje vivem nas minhas memórias não serão só lembranças, mas ficarão marcadas para sempre em minhas memórias e jamais serão apagadas.

Por outro lado, também não posso me esquecer desta querida Coari que me acolheu sem nem me conhecer. Então, venho expressar o amor que estou sentindo devagar por este lugar, sem esquecer o lugar onde me criei. Estou reescrevendo minha história neste município acolhedor. Coari: terra de pessoas vibrantes e lugares exorbitantes.



Memórias e histórias locais

Rayara Taveiro de Lima

Coari e São Paulo de Olivença, duas cidades amazonenses, parecem estar em extremos opostos do tempo e espaço, mesmo compartilhando o mesmo estado e as águas do Rio Solimões.

Coari, com seu vigor econômico impulsionado pelo petróleo e gás natural, é uma cidade em ebulição. Seus dias são preenchidos com o burburinho das construções, o tráfego dos barcos e lanchas e o movimento incessante de pessoas buscando oportunidades.

Coari é uma cidade que não para. As luzes de suas ruas, as festas e os comércios abertos até tarde são testemunhas de uma comunidade que vive em ritmo acelerado. O porto é um espetáculo à parte, com a movimentação constante de embarcações trazendo mercadorias e levando sonhos para outros cantos do Amazonas.

Em contraste, São Paulo de Olivença parece uma cidade onde o tempo resolveu caminhar em passos lentos. Suas ruas de terra batida e casas de madeira lembram um Brasil que muitos já esqueceram. É um lugar onde a simplicidade impera e a natureza dita o ritmo da vida. Os moradores conhecem-se pelo nome, as crianças ainda brincam descalças pelas ruas e o som predominante é o canto dos pássaros.

Enquanto Coari se projeta para o futuro, São Paulo de Olivença mantém-se fiel às suas raízes. A conexão com a terra, o rio e a Floresta Amazônica é palpável em cada esquina, em cada rosto marcado pelo sol e pelas histórias que o tempo não apagou. A cidade vive um cotidiano em que a modernidade parece um visitante distante e ocasional.

No entanto, há uma beleza única em ambas as cidades. Coari, com sua energia vibrante, simboliza a promessa do desenvolvimento e a capacidade de adaptação e crescimento frente aos desafios. São Paulo de Olivença, por outro lado, oferece um refúgio para aqueles que buscam um respiro do mundo moderno, um lugar onde a vida é vivida com tranquilidade e onde as tradições são respeitadas.

Calor

Dudha Beathriz Batalha Martins



Elaboração da autora a partir da IA DALL-E 2 em: 19 jul. 2024

De repente o rio secou, e muito. Na verdade, já havia sido previsto pelos cientistas que as secas iam piorar, mas ninguém tem noção da magnitude da desgraça até que ela aconteça. Não foi ruim só na minha cidade, mas em todo Amazonas. Os barcos pararam, os peixes morreram, em alguns lugares dava para atravessar o rio a pé, sem falar que estava um calor dos infernos. Ah! O fornecimento de água foi interrompido também.

“Que desgraça, Senhor! Deus tenha misericórdia”, as senhoras exclamavam.

“Tudo culpa desses políticos, eles nunca escutam os avisos e depois é o povo que paga o pato”, outras pessoas reclamavam.

“Eu sabia que ter um único igarapé pro fornecimento de água não ia dar certo...”, dizia a pessoa que nunca escutavam.

Nos jornais da TV e no WhatsApp só falavam sobre isso, e os amazonenses postavam nas redes sociais, alguns tristes,

outros desesperados, outros irritados e gente fazendo memes com a situação, porque até nessas horas é preciso manter o bom humor.

Era realmente triste ver a situação, pois a terra ficou visível onde antes havia um rio tão bonito. Todos os dias desde que o rio secou eu sentia a minha pele ardendo, quase em chamas. O clima úmido e quente da região não ajudava e o suor molhava as roupas por inteiro.

À época, conversando com um amigo sobre a situação, ele me disse:

— Bem, somos todos filhos de índio aqui, vamos voltar às origens e andar nus!

De fato, não me pareceu uma má ideia.



Viver em Coari

Maria Aparecida Silva Furtado



Foto do acervo de Archipo Góes

Em julho de 2016, foi a primeira vez que eu pisei aqui nesta cidade chamada Coari e já cheguei decidida a adotar a cidade como a minha morada. Em 15 de setembro daquele mesmo ano cheguei, como dizem por aí, de mala e cuia.

Mas como é viver em Coari? Em pleno Séc. XXI a vida por aqui costuma trazer situações de um tempo longínquo, em que a energia elétrica era inexistente.

Nos meses passados, mais precisamente março e abril de 2024, vivemos um tempo quente, seja pela alta temperatura, seja pelo apagão energético frequente da energia elétrica no município

Dizem as más línguas que a usina de energia local está agonizando. Uma importante peça da engrenagem de geração de energia encontra-se queimada há meses, esperando um socorro estrangeiro. A reserva foi acionada e, estando em intensa operação, pode, a qualquer momento, deixar a cidade em completo apagão. De vez quando ela não resiste, como é o caso que ora relato.

Em um daqueles dias fui abordada pela minha amiga no portão a minha casa.

— Vizinha, tem energia aí?

— Tem não, Rosa.

— Pois é... lá em casa também não! Já está ficando tarde e eu já até liguei para a Amazonas Energia e nada!

— Pior de tudo é que, quando a energia vai embora, vai também a rede de telefonia e internet.

— Sim! Ficar incomunicável para mim é a pior parte de viver em Coari, já que as notícias de longe não vêm a cavalo e para sairmos urgentemente daqui dependemos dos horários restritos de voos ou mesmo de horas intermináveis nas viagens de lanchas e barcos.

— Verdade! Com a luz de emergência descarregada em função do tempo longo de espera pela energia que não vem, vou precisar de uma vela. Você tem umas para me dar?

— Claro! Vai esquentar ainda mais.

— Vai, mas sentir calor é melhor do que ficar no escuro. Que saudade do meu ar-condicionado!

— Obrigada! Vou lá antes que fique tarde demais.

Entrei, fechei a porta. Tentei dormir, não consegui. Tentei ler à luz de velas, mas foi impossível. O suor começou escorrer pela face. Um miniventilador à pilha não aguentou. Busquei um leque que havia ganhado de outra amiga. Imaginei que jamais usaria aquele artefato.

Entre um e outro balançar do leque, a vela à frente e a luz de emergência já fraquinha sobre a mesa, permaneci ali por mais uma interminável hora até que finalmente a energia voltou.

Vivenciando uma cena como esta, muitos amigos da minha terra de origem me diriam: Cruzes! Jamais moraria no interior do Amazonas com tais questões.

Eu, no entanto, não troco o sossego de viver aqui pela vida frenética das metrópoles. Pelo menos, por enquanto!

O Muito de Minha Avó

Renato de Sena Mendes



Foto do Acervo do autor

Por força do destino, me encontro em Coari, Amazonas. Cheguei nesta cidade lá por volta dos meados meses de 2006. Atraquei-me na cidade do ouro negro, cheio de esperanças de novas oportunidades, acompanhado de uma grande companheira e de dois filhos bem dedicados a formação escolar.

Num dia desses eu me coloquei a pensar na minha origem e na distância que me separa da minha querida família. Lembrei-me especialmente dos avós.

Tomados por contexto, ainda distante da modernidade, ainda no final da década de 30. No interior do Ceará, na praiana Trairi.

A progenitora em companhia do progenitor sempre labutou muito para dar provimento, assistência aos seus 9 filhos (as) e compartilhavam sua produção com as pessoas do seu entorno.

Anos depois, meus avós decidem ir para a “Paris dos Trópicos”, na busca de novas oportunidades para seus herdeiros, uma vez que sua terra Natal passava por uma estiagem muito severa em 1958.

Quis o destino, que vô Leontino, desfrutasse pouco dessas novas oportunidades. Ele foi traído por um infarto fulminante, ainda na penumbra de uma região desprovida de assistência médica para a época do início dos anos 60.

Ainda hoje, essas regiões pouco mudaram na cobertura dessas demandas sociais para a maior parte da nossa, população oriunda de baixa renda.

Mas, vô Maria Vital, sempre forte, não titubeou e amparada pelo apoio dos filhos mais velhos conduziu num regime rígido a criação da minha mãe e das minhas tias e tios.

O interior da Ressaca do pesqueiro — Manacapuru, ficou pequeno para os sonhos dos filhos de Leontino e Maria Vital.

Era o momento de florescimento e crescimento educacional. Para isso, era necessário se deslocar e fixar moradia na grande Manaus dos anos 70.

Essa história me parece comum entre muitos nordestinos desde a saga da borracha, Zona Franca de Manaus, no Amazonas, até os dias de hoje continua sendo uma terra de oportunidades.

Com a ida para Manaus, minha avó, passa a conviver com dificuldades para enxergar até perder completamente a visão. Lembro-me, das inúmeras vezes que eu e meus primos íamos ao encontro dela para “puxar nossos dedos, pés e braços desmentidos pelas andanças da bola”.

A Distância geográfica não me impede de recordar como também de associar Coari àquelas terras de meus avós. Sigo pensando o quanto minha avó foi importante para a construção de valores morais trazidos de um ambiente de luta e perseverança de um nordeste e o norte que ainda precisa ser desbravado por políticas públicas que melhorem a qualidade de vida das pessoas do meio rural.



Realização:



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Apoio:



SECRETARIA MUNICIPAL DE
CULTURA
TURISMO E EVENTOS OFICIAIS



ISBN: 978-6-50109-138-9



9 786501 091389